

Coleção Prêmio TCC ABECIN

Lídia Martini Coelho Brandão Salek

**Artigos de periódicos e trabalhos
apresentados em eventos: análise
comparativa dos perfis temático-discursivos
de diferentes fontes do campo
informacional brasileiro**



2012

Coleção Prêmio TCC ABECIN

Lídia Martini Coelho Brandão Salek

**Artigos de periódicos e trabalhos
apresentados em eventos: análise
comparativa dos perfis temático-discursivos
de diferentes fontes do campo
informacional brasileiro**



2012

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ABECIN)

Copyright © 2012 ABECIN

Prêmio TCC ABECIN – Nacional – 2012

Coleção Prêmio TCC ABECIN – 02

TCC apresentado originalmente para o Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Orientadora: Lídia Silva de Freitas

ISBN: 978-85-98291-04-8

Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
Gestão 2011-2013

*Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central da
Universidade Estadual de Londrina*

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

A851c Salek, Lídia Martini Coelho Brandão.

Artigos de periódicos e trabalhos apresentados em eventos: análise comparativa dos perfis temático-discursivos de diferentes fontes do campo informacional brasileiro / Lídia Martini Coelho Brandão. – Londrina: ABECIN, 2012.

117p.

1 Livro digital: il. – (Coleção Prêmio TCC ABECIN; 02)

Originalmente apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia – Universidade Federal Fluminense (UFF), 2012.

Inclui bibliografia.

Disponível em: <http://www.abecin.org.br/portal/>

ISBN 978-85-98291-04-8

1. Comunicação Científica. 2. Artigos de periódicos 3. Trabalhos em eventos. 4. Ciência da Informação. I. Autor. II. Título.

CDU 025.4

Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação
Gestão 2011-2013

Universidade Estadual de Londrina (UEL) - Centro de Educação, Comunicação e
Artes / Departamento de Ciência da Informação
Rod. Celso Garcia Cid, km. 380 - Cidade Universitária
Tel.: (43) 3371-4348 - 86055-901 - Londrina – PR

AGRADECIMENTOS

Agradeço a imensa paciência de todos os que conviveram comigo durante esses quatro anos e em especial à minha família, que reestruturou horários, dividiu tarefas e me apoiou para que eu pudesse chegar ao meu sonho, uma graduação, no tempo mínimo e da forma que eu imaginava. A eles meu eterno amor.

Às Professoras Doutoras Lídia Silva de Freitas - minha orientadora - e Marcia Heloisa Tavares de Figueiredo Lima, que para além do ensino se tornaram amigas queridas, obrigada pelo apoio e orientação.

Aos colegas Rosemary Hosken, Kennya Torres, Marcio Barros, Danielle Torres, Alessandra Boy e Márcia Stembach, que com sua alegria e disposição tornaram o ambiente de aprendizado leve, agradável e muito mais proveitoso e mostraram que a amizade abre portas em qualquer idade e que o aprendizado não se encerra nunca. A eles um beijo no coração.

À Banca Examinadora, que com suas observações e sugestões claras e pertinentes possibilitou a melhoria de meu trabalho. Às minhas mestras meu muito obrigada.

*Palavras são nossas mais inexorável fonte de magia,
capazes tanto de infligir danos como repará-los.
(Alvo Dumbledore).
Harry Potter e as relíquias da morte - parte 2.*

RESUMO

Aborda as teorias sobre comunicação científica e as especificidades de seus canais e fontes para analisar e comparar as diferentes dinâmicas temático-discursivas no campo informacional brasileiro entre artigos de periódicos científicos e trabalhos apresentados em eventos, veiculados respectivamente pela Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB entre 1972 a 2010. Apresenta breve histórico dos ENANCIB, dos periódicos deste campo no Brasil e da Base BRAPCI e articula as transformações temático-discursivas encontradas com as formas de contextualização apresentadas na produção do campo enfocado. Apresenta gráficos e quadros comparativos entre as fontes e conclui que as especificidades do próprio campo — especialmente seu duplo caráter teórico-prático — influenciam nas características temáticas de suas fontes e canais, apesar dos mesmos compartilharem o objetivo da disseminação da produção intelectual do campo informacional.

Palavras-Chave: Comunicação Científica; Artigos de Periódicos Trabalhos em Eventos; Ciência da Informação; Brasil.

ABSTRACT

Discusses the theories about scientific communication and the specifics of its channels and sources to analyze and compare the different thematic-discursive dynamics in Brazilian informational field between journal articles and papers presented at events served respectively by the base BRAPCI and Annals of ENANCIB between 1972 to 2010. Presents a brief history of ENANCIB, of journals of this field in Brazil, of Base BRAPCI and articulates thematic-discursive transformations found with the contextualization provided in the focused field production. Displays graphs and comparative tables between the sources and concludes that the specifics of the field itself — especially its double character theoretical-practical — influence on the characteristics of thematic channels and sources although they share the main objective of dissemination of intellectual production of informational field.

Keywords: Scientific Communication; Journal Articles; Papers in Events; Information Science; Brazil.

SUMÁRIO

	P.
1 INTRODUÇÃO.....	13
2 METODOLOGIA.....	17
3 MARCO TEÓRICO.....	27
3.1 Comunicação Científica.....	27
3.2 Histórico dos Canais Utilizados.....	39
3.2.1 <i>Eventos Científicos no Campo Informacional e seus Anais</i>	39
3.2.2 <i>Periódicos do Campo Informacional no Brasil</i>	52
3.2.3 BRAPCI.....	58
3.3 Caracterização da Contemporaneidade.....	64
4 RESULTADOS.....	77
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	101
APÊNDICE A – Resumo dos critérios de avaliação de periódicos Web Qualis.....	107
ANEXO A – Cronologia dos Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação.....	115

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é fruto de minha participação durante dois anos em projeto de pesquisa coordenada pela professora Doutora Lídia Silva de Freitas intitulada “Questões em rede: emergências temático-discursivas do campo informacional brasileiro e internacional - 1968-2009”, que objetivou levantar dados para análise quali-quantitativa do que se denominou ‘trajetos temático-discursivos’ da produção intelectual nacional do campo informacional, aqui entendido como aquele formado por Arquivologia, Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação.

Nesta pesquisa foram utilizados os dados levantados na pesquisa de Freitas (2010) para analisar as similaridades e diferenças dos perfis temático-discursivos da área entre diferentes tipos de fontes – artigos de periódicos e trabalhos apresentados em evento – veiculadas por dois canais de comunicação científica, assim como a dinâmica de cada um dos canais. Para isso foram selecionados a Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI), que agrega dados referenciais de artigos de periódicos do campo informacional, e os anais dos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB), que é um dos principais eventos do campo informacional no Brasil.

Como integrante da equipe da pesquisa citada, pude observar que os canais de informação estudados

apresentavam algumas diferenças quanto aos conteúdos temáticos de suas fontes, apesar de ambos estarem vinculados ao campo informacional ou Ciência da Informação.

A pesquisa de Freitas (2010) também verificou que os perfis temático-discursivos da produção científica do campo estão fortemente vinculados aos contextos histórico-sociológicos explicitados nessa mesma produção como, por exemplo, “[...] desenvolvimento, adjetivado ou não, progresso, terceiro mundo, pós industrialismo, era ou sociedade da informação ou do conhecimento etc.” (SALEK; FREITAS, 2011, p.4). A partir da Década de 1990 encontramos o predomínio, nesta produção, de contextualizações profundamente ligadas à globalização e à Sociedade da Informação (SI).

Diante desses achados, interessou-me a análise das diferentes dinâmicas e comportamento das fontes científicas focadas.

Assim, o objetivo geral deste trabalho é abordar e analisar as diferentes dinâmicas das fontes – artigos de periódicos científicos e trabalhos apresentados em evento – veiculados respectivamente pela Base BRAPCI e pelos Anais dos ENANCIB, buscando compreendê-las em suas especificidades. Para alcançá-lo traçamos como objetivos específicos:

- Assimilar as abordagens teóricas da comunicação científica e as especificidades de seus canais e fontes;
- Conhecer o histórico dos ENANCIB e dos periódicos do campo informacional no Brasil;
- Verificar os trajetos de determinados recortes temáticos na Base BRAPCI e no ENANCIB;
- Compreender à luz da teoria da comunicação científica e da história dos dois canais selecionados as possíveis diferenças entre as fontes estudadas.

A Seção 2 explicita a metodologia utilizada na pesquisa e apresenta considerações sobre os procedimentos adotados.

Na Seção 3 são apresentados os conceitos e os fundamentos teóricos sobre os quais é baseado o trabalho como: o papel da comunicação científica; o histórico dos canais utilizados; o caráter de eventos científicos e seus anais; periódicos do campo informacional no Brasil; usos de base de dados em pesquisas; a relevância de trabalhos apresentados em eventos e artigos de periódicos para nosso campo; e a caracterização da contemporaneidade, especialmente através da noção dominante de Sociedade da Informação.

Na Seção 4 são relatados os resultados da pesquisa e apresentadas algumas análises e observações.

As considerações finais apresentam uma reflexão sobre os assuntos abordados no trabalho.

2 METODOLOGIA

Para conhecer abordagens teóricas sobre comunicação científica e as especificidades de seus canais e fontes foi utilizada como método a revisão de literatura, para situar as bases históricas desses canais e mostrar a relevância de trabalhos e publicações em periódicos inseridos em base de dados e referenciados em Anais de encontros científicos.

Com o objetivo de conhecer o histórico da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), do ENANCIB e dos periódicos do campo informacional no Brasil os instrumentos utilizados foram o levantamento e a análise da literatura da área sobre periódicos científicos do campo informacional, assim como a visita e a análise dos sítios da ANCIB e dos Encontros disponíveis na rede.

Para compreender, à luz da teoria da comunicação científica e da história dos dois canais utilizados, as possíveis diferenças entre as fontes foi efetuada a comparação dos dados levantados na Base BRAPCI e nos Anais dos ENANCIB. Para compor a parte empírica do trabalho foram utilizados os dados da pesquisa coordenada por Freitas “Questões em rede: emergências temático-discursivas do campo informacional brasileiro e internacional - 1968-2010”, da qual a autora integra a equipe.

Também se utilizou a revisão de literatura para: analisar textos da área de Biblioteconomia e Ciência da Informação que abordaram o tema da Sociedade da Informação; contextualizar historicamente os canais; as análises dos dados coletados na Base BRAPCI e nos Anais dos ENANCIB, cujo procedimento metodológico é descrito a seguir.

Os termos e expressões levantados na pesquisa de Freitas (2010) através dos dois canais – Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB –, considerados no âmbito daquele trabalho como temas e objetos do campo informacional, foram pré e pós-selecionados objetivando buscar “[...] termos e expressões ligados ao discurso que constituiu o *corpus* discursivo da pesquisa” (FREITAS, 2010, p.2); e “[...] termos indicativos das emergências discursivas nos textos publicados no campo informacional brasileiro” (SALEK; FREITAS, 2011, p.2), buscando o que chamamos de trajetos temático-discursivos do campo.

[...] não interessava analisar a totalidade do feixe temático-discursivo do campo, se é que isso é possível, e sim a frequência relativa de recortes discursivos que entrelaçam *informação* com *cultura*, *política*, *economia* e *ciência*, emoldurado por formas de abordagem dos contextos histórico-sociológicos das práticas informacionais teóricas e operacionais – como, por exemplo, *desenvolvimento*, adjetivado ou não, *progresso*, *terceiro mundo*, *pós-industrialismo*, *era* ou *sociedade da informação* ou *do conhecimento* etc. [...]

Em linhas gerais, os recortes discursivos selecionados – após longa análise de sumários correntes do campo – se constituíram de termos/temas/conceitos não-técnicos considerados no âmbito da pesquisa como típicos dos discursos tradicionais do campo informacional (ex: *leitura, memória, desenvolvimento*) e aqueles considerados como típicos dos discursos emergentes a partir dos anos 1990 (ex.: *gestão do conhecimento, empresas, sociedade da informação*) (SALEK; FREITAS, 2011, p.4-5).

Naquela pesquisa, depois de selecionados, os termos foram subdivididos em quatro categorias analíticas – cultural, científica, política e econômico-gerencial – “[...] indiciais de pontos de vista ideológicos que configuram diferentes formas de tratar a questão informacional” (SALEK; FREITAS, 2011, p.5), além de perspectivas histórico-sociológicas que as contextualizam. É interessante notar que, em alguns casos, o termo pode ser incluído em mais de uma categoria analítica, como por exemplo: *conhecimento*, que foi incluído na categoria cultural — quando seu sentido expressava saber — e na categoria econômico-gerencial — quando expressava o sentido de fator de produção. As categorizações não são, portanto, excludentes quanto ao termo em si, somente a seu sentido no texto.

Os dados mostraram que o discurso que indica direta ou indiretamente a forma de representação dos contextos histórico-sociológicos na produção do campo no início dos anos 70 era predominantemente a do desenvolvimentismo.

Os que chamamos de “tradicionais” são termos como *desenvolvimento científico, econômico e subdesenvolvimento*, que, ao contrário dos ‘emergentes’ — que abordaremos em seguida — diferenciam posições de países e blocos, com seus interesses, conflitos e peculiaridades (SALEK; FREITAS, 2011, p.23).

Rosa (2010, p.59) demonstra que a partir de meados dos anos 90, houve uma queda geral deste discurso em prol de outro, o da *globalização* e da *SI*, que chamamos de contextualizações histórico-sociológicas ‘emergentes’. Os termos ‘emergentes’ tendem a apagar as diferenças anteriormente citadas. Esse novo discurso, praticamente hegemônico na produção do campo informacional a partir de 1995 até 2003, se liga discursivamente quase sempre às “[...] novas tarefas do profissional da informação”, nas quais as atividades culturais e públicas deste profissional vêm sendo apagadas, ao mesmo tempo que são reforçados os aspectos econômico-gerenciais privados da informação (SALEK; FREITAS, 2011, p.23). Segundo Rosa (2010, p.59-60), tal contextualização ‘emergente’ “[...] parece se estabilizar na área informacional, de forma a ser ele o discurso que opera as mudanças temáticas da mesma”, justificando e fundamentando abordagens que alteram os sentidos e objetos do campo informacional.

O Quadro 1 apresenta os termos levantados subdivididos em categorias analíticas.

Quadro 1: Termos levantados na Base BRAPCI e nos Anais dos ENANCIB subdivididos em categorias analíticas.

Cultural			
Ação cultural	Biblioteca-Livraria	Educação à distância	Idosos/ terceira idade
Adolescente	Bibliotecário-animador	Educação	Leitura/leitor
Antiquário	Biblioterapia	Ensino	Literatura de cordel
Arte	Brinquedoteca	Escola	Literatura infantil/infanto-juvenil
Biblioteca ambulante	Centro cultural	Escrita	Literatura
Biblioteca comunitária	Cibercultura	Família	Livros/indústria editorial
Biblioteca escolar	Comunidade virtual	Festa/festa popular	Mediação
Biblioteca infantil	Conhecimento/saber	Ficção	Memória/memória coletiva/social
Biblioteca popular	Contação de história	Folclore	Multiculturalismo
Biblioteca pública/municipal	Criança/infância	História em quadrinhos	Oral/oralidade
Biblioteca universitária	Cultura	Identidade	Plantas medicinais
Político			
Acesso aberto/livre	<i>Creative Commons</i> /licenças criativas	Governo/governamental	Participação
Afrodescendentes	Cultura de paz	Governo eletrônico/E-Gov	Partido dos Trabalhadores
Assimetria da informação	Deficiente físico	Ideologia	Poder
Assimetria digital	Democratização	Imigração	Poder executivo/legislativo/Judiciário
Bem comum	Democratização da Informação	Inclusão	Política (<i>policy</i>)
Biodiversidade	(Des)colonialidade	Inclusão de deficientes físicos	Política (<i>politics</i>)
Camadas populares	Direito à informação	Inclusão digital	Popular
Campanha eleitoral	Direito autoral	Inclusão informacional	Privado
Caso Herzog	Direitos	Inclusão social	Público
Censura	Direitos humanos	Interesse público	Qualidade de vida
Cidadania/cidadão	Distribuição da informação	<i>Lan houses</i>	Regime militar
Cidadania digital	Divisão digital	Libras	Sindicato

Cientelismo	Empregada doméstica	Loucura	Sociais/sociedade
Colaboração	Ergonomia	Maioria da população	Socialização da Informação
Compromisso social	Esfera pública	Meio ambiente	Sociedade civil
Comunidade	Estado	Morador	Sociocomunicacional
Comunitário	Ética	Movimentos sociais	Software livre
Conflito	Etnia	Nova ordem informativa	Terceiro setor
Consciência	Etnográfico	O público	Transformação
Contradição	Fadiga	ONG/Organização Não-Governamental	Utopia
<i>Copyleft</i>	Gênero (mulher)	<i>Open Journal Systems</i> (OJS)	Violência
Econômico gerencial			
Aglomerações produtivas	Custos	Informação gerencial	P&D/Pesquisa e Desenvolvimento
Agribusiness/agronegócio	Decisão	Inovação/Inovar	Qualidade
Apoio à decisão	Economia criativa	Inteligência competitiva	Reengenharia
Banco (comercial)	Empreendedorismo	Liderança	Setor produtivo
Cliente/clientela	Empresarial/empresa	Logística	Shopping centers
Cluster	Finanças	Mercado	Valor
Comercialização da informação	Gestão do conhecimento	Missão (administrativo)	Valor agregado
Competitividade	Gestão/gerencial	Monitoração Ambiental	
Conhecimento (fator de produção)	Industrial	Negócio	
Consumidor (de inf.)	Informação como commodity	Organizacional	
Científico			
Ação/pesquisa participativa	Capital/capitalismo	Dispositivo	Metodologia
Ação Comunicativa	Ciência da informação	Economia política	Paradigma
Capital Cultural	Cognição/cognitivo	Epistemologia	Pragmatismo
Capital humano	Conceito/conceitual	Estado da Arte	Rede
Capital informacional	Construtivismo	Filosofia	Rede social
Capital intelectual	Crítica	História	Regime da/de informação
Capital simbólico	Dialética	Imaginário	Sujeito

Capital social	Discurso/discursivo	Multi/Trans/Inter-disciplinaridade	Teoria/teórica
Histórico sociológico tradicional			
Dependência tecnológica	Desenvolvimento social	Países menos desenvolvidos	Subdesenvolvimento
Desenvolvimento (geral)	Desenvolvimento tecnológico	Países pobres	Tecnologia apropriada
Desenvolvimento científico	Países de industrialização tardia	Países subdesenvolvidos	Terceiro mundo
Desenvolvimento econômico	Países em desenvolvimento	Sociedade dependente	
Desenvolvimento industrial	Países industrializados	Sociedade industrial	
Histórico sociológico emergente			
Capitalismo cognitivo	Era digital	Pós-industrial	Sociedade do conhecimento
Economia da Informação	Globalização	Pós-moderno	Sociedade em rede
Economia do conhecimento	Novas tarefas	Sociedade da informação	Sociedade pós-moderna
Era da informação	Países emergentes	Sociedade digital	

Fonte: Salek e Freitas – 2011 – p.6.

Na pesquisa de Rodrigues e Freitas (2010, p.7) os termos foram pesquisados nos títulos dos trabalhos e artigos e os dados foram apresentados através de percentuais do número total de registros bibliográficos do ano focalizado, especialmente

[...] para minimizar os efeitos da variação nos valores absolutos dos registros anuais de cada tipo de fonte – que varia, pelo crescimento da produção do campo ou pelo lapso de tempo para processamento dos registros nas bases ou ainda pela limitação institucional no número de trabalhos aceitos, como no caso do ENANCIB – e implementar a possibilidade de análises comparativas, a apresentação dos recortes selecionados para cada fonte está sempre apresentada na forma percentual, expressando o quantitativo

relativo entre o número de documentos encontrados e o total anual incluído na base.

Como o interesse desta pesquisa se atém às categorias analíticas em si, que agregam tematicamente os recortes discursivos selecionados, serão apresentados os totais gerais da frequência anual por categoria. A representação quantitativa através de gráficos permite a visualização dos movimentos históricos de cada uma.

Os Anais dos ENANCIB foram analisados desde o primeiro encontro em 1994, através de busca dos recortes selecionados nos títulos dos trabalhos listados nos sumários de cada evento. Como instrumento facilitador e opção de tratamento, a equipe de pesquisa digitalizou os sumários de todos os eventos no formato PDF pesquisável, possibilitando a busca automática.

Cabe ressaltar que só a partir do sexto encontro, no ano de 2005, os Anais foram apresentados em meio eletrônico, sendo este um dos motivos da opção de busca utilizada.

A Tabela 1 exibe os totais de trabalhos apresentados em cada encontro, que foram analisados pela equipe.

Tabela 1: Totais de trabalhos apresentados nos ENANCIB.

ENANCIB	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	XI	Total geral
Ano	1994	1995	1997	2000	2003	2005	2006	2007	2008	2009	2010	
Nº de trabalhos	23	56	135	230	139	125	109	188	151	198	253	1.607

Fonte: Contagem direta nos Anais dos ENANCIB.

Os trabalhos apresentados em eventos constituem-se em importante fonte de pesquisa, possibilitando conhecer as tendências e atualizações que o campo apresenta. No caso dos ENANCIB, essa relevância é constatada por sua crescente consolidação como principal evento acadêmico do campo informacional no Brasil, ligado à entidade que agrega sua pesquisa e sua pós-graduação – a ANCIB.

A pesquisa através de bases de dados tem se tornado cada vez mais comum pelas vantagens em relação aos impressos, principalmente como instrumento de recuperação de informação que possibilita a realização de pesquisas complexas e economia de tempo para o usuário. (CENDÓN¹, 2000 *apud* BUFREM, 2010, p.27).

A Base BRAPCI disponibiliza instrumento de busca através de título, resumo ou palavra-chave ou ainda a busca abrangendo todos os itens anteriormente citados, pela marcação do campo 'todos'. Foi utilizada a pesquisa pelos títulos para que os parâmetros de busca fossem os mesmos empregados nos Anais dos ENANCIB, aumentando a comparabilidade entre os dois tipos de produção, foco da presente análise.

Apesar de conscientes de que o título de um artigo ou trabalho não representa o *lócus* argumentativo por

¹ CENDÓN, B. V. Serviços de indexação e resumo. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J. M. (Orgs.) **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: UFMG, 2000. p.217-248.

excelência, a função discursivo-argumentativa do termo, ao constar nele, apresenta peso bem maior.

A Tabela 2 apresenta a distribuição cronológica dos artigos de periódicos nacionais do campo informacional inseridos na Base PRAPCI até o ano de 2010.

Tabela 2: Totais anuais de artigos inseridos na Base BRAPCI.

1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	1980	1981	1982	1983	1984	To tal Ge ral
30	60	52	62	57	88	72	69	60	78	74	95	72	
1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	
89	78	102	75	114	126	71	86	88	92	122	193	164	
1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	6.5 65
17	21	27	21	19	25	27	27	47	51	48	47	46	
3	2	9	3	3	3	1	7	9	5	9	3	9	

Fonte: Base BRAPCI – 15/08/2011.

O detalhamento das fontes e canais utilizados é apresentado na Seção 3.

3 MARCO TEÓRICO

Para fundamentar teórica e conceitualmente o objeto deste trabalho, foram abordados os conceitos de comunicação científica, seus canais e fontes, que permitem a análise das práticas de divulgação dos documentos científicos e que segundo Frohmann (1995) “[...] são nós de redes de informação, ou elementos de um regime de informação específico”.

A caracterização da contemporaneidade — que como dito, contextualiza e mesmo condiciona o leque temático — é abordada através do aprofundamento da noção de Sociedade da Informação e do olhar do campo sobre o assunto.

3.1 Comunicação Científica

Os primórdios dos canais de comunicação científica remontam à Grécia antiga. Meadows (1999, p.3) situa essa origem na Academia de Atenas na qual se promoviam reuniões para debates filosóficos.

As cartas foram o primeiro canal de comunicação utilizado pelos cientistas para relatar suas pesquisas e descobertas recentes. Segundo Stumpf (1996, p.1), essas cartas circulavam por pequenos grupos que as debatiam, mas seu direcionamento era viciado, de vez que os autores raramente as remetiam para pessoas que sabidamente

poderiam refutar suas ideias e teorias. Além disso, por serem pessoais e limitadas a pequenos grupos, não eram o tipo ideal para comunicação de descobertas e fatos científicos devido à lentidão com que esse processo ocorria.

No Século XVII, na Inglaterra, alguns grupos que se reuniam para o debate filosófico formaram a *Royal Society*², fortemente influenciados pelas possibilidades de uma instituição de pesquisa descrita nos trabalhos de Francis Bacon³ (MEADOWS, 1999, p.3) As atas, também conhecidas como memórias ou anais dessas reuniões eram depois impressas⁴ e “[...] passaram a se constituir em um documento de registro dos trabalhos apresentados em reuniões científicas e profissionais” (STUMPF, 1996, p.1).

Frohmann⁵ (1998 *apud* Freitas 2009, p.13) diz que ainda hoje

² Sociedade de pesquisa científica conceituada e mais antiga do mundo, existente ainda hoje. Disponível em: <<http://royalsociety.org/about-us/>>.

³ Político, filósofo e ensaísta inglês, considerado o fundador da ciência moderna. Foi o autor do primeiro esboço racionalista de uma metodologia científica. Sua teoria dos "ídolos" antecipa, em germe, a moderna sociologia do conhecimento. O método baconiano propõe uma nova maneira de estudar os fenômenos naturais que não dependa do raciocínio aristotélico e sim da observação e da experimentação através do raciocínio indutivo. Fonte: *Enciclopédia Mirador Internacional*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biografias/francis-bacon.jhtm>>; <http://www.filosofia.com.br/bio_popup.php?id=61>.

⁴ Mueller e Caribé (2010, p.16-17) relatam que os cientistas que iniciaram as academias se encontravam às escondidas para evitar a censura e comunicavam seus resultados por meio de cartas porque, confundidas com a correspondência pessoal, elas não seriam abertas pelo Governo e que as reuniões da *Royal Society* também mudavam com frequência de local para evitar a repressão.

⁵ FROHMANN, B. The role of the scientific paper in science information systems. Conference on the History and Heritage of Science Information Systems. **Proceedings...** Medford, 1998, p.63-73.

[...] predominam as regras disciplinares do discurso preconizadas nos primórdios do texto científico: estilo descritivo e detalhista do problema de pesquisa, materiais e métodos, e fatos ocorridos, e relutante e modesto para as interpretações e conclusões.

Uma das sugestões na obra de Bacon, segundo Meadows (1999, p.5), era que se priorizasse a coleta e análise de informações e membros da *Royal Society* viajavam ao exterior coletando dados através de conversas; bem como eram recebidas pela entidade comunicações sobre avanços em outros países feitas por representantes eleitos da sociedade no exterior.

Na França, mais especificamente em Paris, ocorria movimento semelhante e, devido ao acúmulo de informações e para que fossem distribuídas com mais rapidez as mais importantes, é lançado em 1665 o *Journal des Sçavans*, primeiro periódico científico moderno, seguido do lançamento da *Philosophical Transactions*, da *Royal Society* (MEADOWS, 1999, p.6).

Targino (2000, p.10) afirma que a comunicação científica é essencial para todos os pesquisadores e aponta suas funções, sistematizadas por Menzel⁶ e citadas por Kaplan⁷ em 1968, como sendo:

⁶ MENZEL, H. Scientific communication: five themes from social science research. *American Psychologist*, Washington, v.21, n.10, p.999-1004, Oct. 1966.

⁷ KAPLAN, N.; STORER, N. W. Scientific communication. In: SILLS, D. L. (Ed.) **International encyclopedia of the social sciences**. New York: Macmillan, v.14, p.112-117, 1968.

- Fornecer respostas a perguntas específicas;
- Concorrer para a atualização profissional do cientista no campo específico de sua atuação;
- Estimular a descoberta e a compreensão de novos campos de interesse;
- Divulgar as tendências de áreas emergentes, fornecendo aos cientistas idéia da relevância de seu trabalho;
- Testar a confiabilidade de novos conhecimentos, diante da possibilidade de testemunhos e verificações;
- Redirecionar ou ampliar o rol de interesse dos cientistas;
- Fornecer *feedback* para aperfeiçoamento da produção do pesquisador.

É através da literatura científica que o trabalho do pesquisador é apresentado e julgado pelos pares, julgamento este que lhe dá confiabilidade e *status* científico e sem ele o trabalho não é validado. Ziman (1968⁸ *apud* Mueller 2000, p.22) afirma que uma área científica sem a sua literatura não existe, pois sem o aval dos pares, o conhecimento produzido por uma pesquisa não é validado e não é considerado científico.

Segundo Mueller (2000, p.30), a informação científica flui por diferentes canais, produzindo documentos que se distinguem em características, conforme o estágio da

⁸ ZIMAN, J. **Public knowledge:** the social dimension of science. Londres: Cambridge University Press, 1968.

pesquisa, o tipo de público a que se destina e o objetivo de quem a comunica.

O sistema de comunicação científica é composto por comunicações e publicações que se utilizam de canais que são categorizados como: informal ou semiformal – contato pessoal, *e-mail*, participação em listas de discussão, comunicação oral analíticas – e o formal analíticas – publicação já filtrada/criticada em livros, periódicos, etc.

Para Le Coadic⁹ (2004, p.34 *apud* Alves, 2011, p.2), as diferenças entre os canais da comunicação científica estão na audiência, armazenamento, atualidade, orientação, redundância e interatividade e estão apresentadas no Quadro 2. O conjunto das publicações é chamado de literatura científica (ALVES, 2011, p.3).

Quadro 2: Diferenças entre os canais de informação.

Comunicação formal	Comunicação informal
Pública	Privada
Informação armazenada de forma permanente, recuperável	Informação não-armazenada, não-recuperável
Informação relativamente antiga	Informação recente
Informação comprovada	Informação não-comprovada
Disseminação uniforme	Direção do fluxo escolhida pelo produtor
Redundância moderada.	Redundância às vezes muito importante
Ausência de interação direta	Interação direta

Fonte: Le Coadic – 2004 – p.34 *apud* Alves – 2011 – p.2.

⁹ LE COADIC, Y.-F. **A Ciência da Informação**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

É preciso lembrar, no entanto, que atualmente a comunicação informal não pode ser estritamente caracterizada como não armazenada e/ou não recuperável, tendo em vista a existência de arquivos pessoais de pesquisadores, alguns tratados com rigor metodológico e abertos para consulta, e a larga utilização das tecnologias de comunicação e informação (TIC). Talvez fosse melhor considerá-la como, por vezes, ‘armazenada em arquivos pessoais’. Também não podemos afirmar que são somente informações recentes e não comprovadas, pois existe a possibilidade de terem sido informações simplesmente não publicadas ou tidas como não relevantes para o momento ou terem seu uso adiado por seus autores.

Para a difusão das pesquisas,

[...] sobretudo os resultados parciais, [os cientistas] não escolhem de imediato os meios convencionais. São cada vez mais comuns as pré-edições (*preprints*), as versões provisórias (*prepapers*) e as comunicações em congressos ou outros encontros científicos, publicadas ou não. São veículos que guardam, ao mesmo tempo, na visão de Christovão (1979)¹⁰, características informais na sua forma de apresentação oral e nas discussões que provocam, e características formais na sua divulgação através de cópias ou da edição de anais. Surge, assim, a idéia de comunicação científica semiformal, como a que guarda, simultaneamente,

¹⁰ CHRISTOVÃO, H. T. Da comunicação informal à comunicação formal: identificação da frente de pesquisa através de filtros de qualidade. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v.8, n.1, p.3-36, 1979. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/135/135>>.

aspectos formais e informais, e que, como a informal, possibilita discussão crítica entre os pares, o que conduz a modificações ou confirmações do teor original (TARGINO, 2000, p.21).

Os canais informais são importantes para o pesquisador pela oportunidade de troca de ideias, discussão e rapidez do *feedback*. Esse tipo de canal inclui, além dos contatos pessoais, a literatura cinzenta, formas públicas de socialização das informações, como conferências, colóquios e seminários (ALVES, 2011, p.2), ou seja, a informação disponibilizada é recente, mas é destinada a um público restrito (MUELLER, 2000, p.30)

Os canais formais são representados pelas publicações primárias — os resultados de pesquisas; as publicações secundárias — que organizam as primárias de acordo com um arranjo definido (enciclopédias, dicionários, revisões, etc.); e as terciárias — que guiam o pesquisador para as fontes primárias e secundárias (bibliografias, serviços de indexação e resumos, catálogos coletivos, etc.).

Desde sua primeira publicação, os periódicos científicos passaram a exercer importante papel no processo de comunicação científica e representam a evolução do antigo sistema para o moderno (STUMPF, 1996, p.1), mas “[...] sua forma atual não se completou senão há cerca de um século atrás. O que havia anteriormente era muita publicação de ‘notícias científicas’” (MIRANDA; PEREIRA, 1996, p.376), com poucas páginas e pequenos artigos resumidos

O processo definitivo de mudança para o novo veículo de registro e comunicação da ciência só foi concluído no século passado, quando as revistas adquiriram credibilidade para, inclusive, substituir os livros. Os artigos, até aquela época, eram considerados como formas provisórias de comunicação, sendo sempre a forma monográfica de livros impressos a preferida para o registro definitivo da ciência. A visão de que cada observação ou experimento forma uma unidade por si mesmo, só começou a ter aceitação no século XVIII (STUMPF, 1996, p.2).

Stumpf (1996, p.2) afirma que a primazia do livro como meio mais importante e completo para publicação de pesquisas começa a ser abalado por dois tipos de pressão, intimamente ligadas: a primazia da descoberta – pela demora na publicação –, e o custo de produção – pela extensão dos trabalhos, que impactava e onerava a impressão. A chegada do periódico resolvia os dois problemas, pois permitia a publicação em partes, assegurando a primazia da descoberta e diluindo o custo de publicação.

Segundo ressaltado por Xavier e Costa (2009, p.249-250), a cadeia produtiva das edições científicas gera bens consumidos por pessoas que também são geradoras de informações científicas. Mas, conforme observado pelos autores, “[...] na produção do conhecimento não importam as leis de mercado, como na Indústria Cultural, mas sim o reconhecimento dos pares, consumidores e concorrentes”.

Esse reconhecimento faz parte das funções inerentes ao periódico científico, segundo Miranda e Pereira (1996, p.376), que apontam como seus papéis:

- Registro oficial público da informação;
- Legitimador de novas disciplinas e campos de estudos;
- Disseminador de informações para os cientistas;
- Veículo de comunicação entre os pares, permitindo ascensão, reconhecimento e conquista de poder em seu meio.

O intelectual ou pesquisador não escreve apenas para si, mas em grande medida para ter o reconhecimento de seus pares, o que lhe é mais caro no seu meio do que em qualquer outro; não se trata de ser aceito pelo valor econômico que a obra possa atingir, mas sim pelo seu valor cultural (BOURDIEU, 1974¹¹, p.108 *apud* XAVIER; COSTA, 2009, p.250).

Para Miranda e Pereira (1996, p.377), as publicações em periódicos científicos compõem um sistema estratificado “[...] em que a produtividade e o prestígio estão concentrados em uma pequena, mas dominante, elite de autores e instituições”, influenciados pela cultura do ‘publique ou pereça’ e sua contrapartida ‘seja citado ou desapareça’ cunhados para exemplificar a concorrência na esfera acadêmica.

Com o objetivo de oferecer uma recuperação da informação com rapidez e eficiência, as unidades de

¹¹ BOURDIEU, P. O Mercado de bens simbólicos. In: _____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. p.99-108.

informação, universidades, centros e serviços de informação constroem bases de dados que podem ser acessadas local ou remotamente (TEIXEIRA, 1997) e que passam a integrar o fluxo da cadeia produtiva acadêmica (XAVIER; COSTA, 2009, p.251).

Para Valério (2008, p.167), além do aumento do fluxo de informações, as TIC também são responsáveis pela aproximação de grupos interdisciplinares e criação de novas comunidades que agregam membros da comunidade científica e interessados em ciência.

O modelo mais conhecido do fluxo da informação científica como um *continuum* foi o desenvolvido por Garvey e Griffith na Década de 1970, que foi adaptado para todas as áreas do conhecimento. Mueller (2000, p.32) afirma que

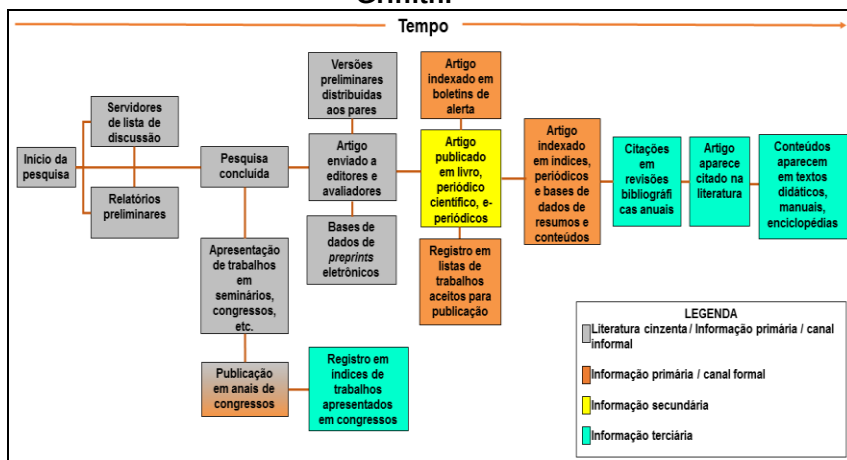
As mudanças causadas pela tecnologia têm sido tão abrangentes e inovadoras que até mesmo conceitos estabelecidos como canais informais e canais formais são questionados por alguns autores, que alegam já não ser possível distinguir com clareza as diferenças entre eles. De fato, tornou-se difícil definir o que seja comunicação formal e informal, documento primário ou secundário.

Meadows (1999, p.38) afirma que o uso das TIC afetou a distinção entre os canais de comunicação científica, que não se ajustam “[...] bem ao emprego de computadores e redes”, sendo “[...] preciso mudar os pressupostos básicos acerca das categorias de informação”. Citando como exemplo a distinção entre uma mensagem de correio

eletrônico e um artigo numa revista eletrônica, Meadows (1999, p.38) diz que “[...] ambos podem ser enviados a um público de qualquer tamanho, desde uma pessoa até inúmeras; ambos são divulgados pelos mesmos canais e podem ser acessados por leitores por meio das mesmas telas de computador”. Essa tênue divisão entre os canais também causa impacto nas atividades editoriais e alteram o fluxo da informação apresentado no modelo de Garvey e Griffith, apesar de não alterar o sistema de legitimação.

A Figura 1 apresenta o modelo de Garvey e Griffith, adaptado por Mueller (2000, p.29) e modificado pela autora a partir de Gomes¹², incorporando as alterações que ocorreram com a introdução do meio eletrônico.

Figura 1: Modelo da comunicação científica de Garvey e Griffith.



¹² GOMES, S. L. R. **Anotações de aula.** Disciplina *Serviço de Informação para Ciência e Tecnologia*. Arquivo pessoal da autora. Universidade Federal Fluminense, 2010.

Fonte: Campello, Cendón e Kremer – 2000 – p.21-33.

Com a utilização das TIC pela comunidade científica, o tempo entre a pesquisa e sua comunicação ficou menor. Há publicações durante e após os processos comunicacionais de pesquisa (relatórios, trabalhos apresentados em congressos, anais, resumos, artigos de periódicos). Apesar das vantagens dessa rapidez, ela agrava a dificuldade do pesquisador se manter atualizado. Daí a atual importância do acesso à comunicação informal, mais recente e atualizada.

Torna-se assim importante saber o que está sendo pesquisado antes mesmo que a pesquisa termine; conhecer as tendências e frentes de pesquisa. Conhecer grupos e centros de pesquisa que trabalham na área de interesse (MUELLER, 2000, p.25-26).

A relevância dos canais estudados nesta pesquisa mede-se primordialmente pela rapidez de veiculação da informação científica, avaliada cada vez com mais rigor para inserção em Anais de encontros científicos, possibilitando um debate maior para a validação desse conhecimento, pela avaliação entre os pares e pela veiculação da informação através da publicação em periódicos científicos.

A compreensão da dinâmica histórica desses canais auxiliará na análise comparativa do perfil temático priorizado em cada um.

3.2 Histórico dos Canais Utilizados

A seguir apresento um breve histórico dos canais e fontes utilizados e sua contextualização no levantamento dos dados deste trabalho.

3.2.1 *Eventos Científicos no Campo Informacional e seus Anais*

No Brasil, em meio às transformações ocorridas a partir do fim do Estado Novo, é criado o Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), em 1954, impulsionado pela Documentação e pelo novo conceito de informação que surgia, com o objetivo de produzir e acumular informações bibliográficas para impulsionar as atividades científicas e tecnológicas nacionais. A partir de sua criação, o IBBB passa a promover a realização consecutiva de cursos de especialização em documentação científica (ODDONE, 2006, p.46-49).

É também no Ano de 1954 que se inicia a série de eventos técnico-científicos intitulada Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (CBBD), atualmente Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação, primeiro evento de âmbito nacional do campo, promovido pela Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB)¹³ — atualmente Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários,

¹³ Disponível em: <<http://www.febab.org.br/>>.

Cientistas da Informação e Instituições. O CBBB continua sendo um dos eventos mais importantes da área e no Ano de 2011 estava em sua 24ª edição¹⁴.

Na Década de 1970 o IBBD promove o primeiro mestrado em Ciência da Informação (daqui em diante CI) no país, introduzindo-a como área de estudos independente com relação à Biblioteconomia, objetivando também atrair bacharéis de outras áreas envolvidos com documentação científica (SOUZA, 2009, p.94).

Muitos autores apontam este evento como instituidor da Ciência da Informação no Brasil.

Gomes (2008, p.2) afirma que o mestrado do IBBD foi criado “[...] para dar suporte às atividades que o órgão desempenhava no campo da informação científica e tecnológica e para manter a comunidade profissional em sintonia com o desenvolvimento internacional da área”.

Souza (2009, p.93) diz que a criação do curso contornava dois problemas: mantinha o exclusivismo profissional do bibliotecário e atendia às recomendações do Grupo de Trabalho CNPq/USAID¹⁵.

Foi ainda nesta década, mais precisamente no Ano de 1976 que, estimulado pela UNESCO, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV) e os acordos firmados entre o

¹⁴ O Anexo A apresenta a cronologia dos Congressos desde seu estabelecimento.

¹⁵ United States Agency for International Development (USAID).

Ministério da Educação e Cultura e o USAID¹⁶, o IBBD passa a se denominar Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), com o objetivo principal de desenvolver e implantar uma rede de informação em ciência e tecnologia no país (BARRETO, 2009, p.10-11)

Na Década de 1970 foram igualmente criados cinco cursos de mestrado em Biblioteconomia: Universidade de São Paulo (USP), na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP), na Universidade de Brasília (UnB) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPb) (GOMES, 2008, p.2-3)

Durante todo esse período (1970-1990), ao contrário do IBICT, todas as escolas e faculdades que mantinham mestrados em Biblioteconomia estavam organizadas em torno de cursos de graduação em Biblioteconomia e Documentação [...] [porém] Ao longo de suas trajetórias, todos sofreram reformulações em suas áreas de concentração, linhas de pesquisa e grade curricular, notando-se inclusive a progressiva e reveladora alteração em suas denominações, de “Biblioteconomia

¹⁶ MEC-USAID: Série de acordos produzidos, nos anos 1960, entre o Ministério da Educação brasileiro (MEC) e a *United States Agency for International Development* (USAID). Visavam estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira. Entre junho de 1964 e janeiro de 1968, período de maior intensidade nos acordos, foram firmados 12, abrangendo desde a educação primária (atual ensino fundamental) ao ensino superior. O último dos acordos firmados foi no ano de 1976. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_mec-usaid%20.htm>.

e Documentação” para “Ciência da Informação” (GOMES, 2008, p.3; 11).

A partir de 1980 os integrantes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação passam a realizar o Encontro Nacional de Cursos de Pós-graduação em Ciência da Informação e Biblioteconomia¹⁷ para discutir problemas e trocar experiências, buscando fundamentação para a nova área que se formava. No décimo encontro, em 1989, foi aprovado o estatuto fundador da ANCIB (BARRETO, 2009, p.13), tendo como integrantes sócios institucionais (os Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação) e sócios individuais (professores, pesquisadores, estudantes de pós-graduação e profissionais egressos dos programas). A ANCIB objetiva “[...] acompanhar e estimular as atividades de ensino no nível de pós-graduação e de pesquisa em Ciência da Informação no Brasil (ANCIB¹⁸, 2011).

Desde que foi fundada, a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação (Ancib) tem se destacado na demonstração das potencialidades da ciência da informação no Brasil, além de ser a porta-voz da classe nos diálogos com as agências de fomento. Outro fato exemplar é que, graças ao trabalho da Ancib, a produção científica brasileira, na área da Ciência da Informação, tem obtido aumento qualitativo extraordinário e com um

¹⁷ O último Encontro Nacional de Cursos de Pós-graduação em Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação foi o 13º e ocorreu em 1994, ano do primeiro Encontro da ANCIB.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/>>.

reflexo na visibilidade internacional
(GARCIA, 2010, p.1).

As atividades da ANCIB estruturam-se em duas frentes: os Programas de Pós-Graduação *stricto sensu*, representados pelos seus coordenadores, e o ENANCIB - Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - fórum de debates e reflexões que reúne pesquisadores interessados em temas especializados da Ciência da Informação, organizados em Grupos de Trabalho (ANCIB, 2011).

Em 1993, o Informe em Ciência da Informação da ANCIB anunciava a realização, em Belo Horizonte do novo modelo de evento, que ocorreria em 1994 e neste Ano englobaria o último Encontro Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Ciência da Informação, com a sigla ENPeCI, abandonando a biblioteconomia em sua sigla. O encontro seguinte, no entanto

[...] já foi realizado com o nome de Encontro Nacional de Ciência da Informação e Biblioteconomia (ENANCIB, hoje Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação), o que, praticamente, denotava a existência de duas “coisas” sendo a “mesma coisa” (BARRETO, 1999, p.14).

Inicialmente ocorrendo com periodicidade irregular, foi definido no V ENANCIB que os encontros ocorreriam bienalmente, mas já no próximo ENANCIB, que ocorreu em 2005, essa periodicidade volta a ser alterada, passando a anual, assim se mantendo desde então (ENANCIB, 2009). O

Quadro 3 apresenta a cronologia dos encontros desde seu estabelecimento.

Quadro 3: Cronologia dos ENANCIB.

ENANCIB	ANO DE REALIZAÇÃO	CIDADE
I	1994	Belo Horizonte
II	1995	Valinhos
III	1997	Rio de Janeiro
IV	2000	Brasília
V	2003	Belo Horizonte
VI	2005	Florianópolis
VII	2006	Marília
VIII	2007	Salvador
IX	2008	São Paulo
X	2009	João Pessoa
XI	2010	Rio de Janeiro
XII	2011	Brasília

Fonte: Álvares Júnior – 2006 – p.63. ENANCIB - 2009.

O ENANCIB é um evento descrito como a reunião dos trabalhos de pesquisa mais relevantes da área. “Os trabalhos apresentados nos ENANCIB refletem o estado-da-arte da pesquisa em Ciência da Informação que vem sendo conduzida nos diversos programas de pós-graduação e instituições ligadas à área e demonstram o avanço do conhecimento até aquele momento” (ÁLVARES JÚNIOR, 2006, p.62). A partir de 2000 (IV ENANCIB), para cada encontro é eleito um tema geral que expresse preocupações contemporâneas na Ciência da Informação. O Quadro 4 apresenta os temas dos ENANCIB a partir de 2000.

Quadro 4: Temas do ENANCIB.

ENANCIB	ANO	TEMA
IV	2000	Conhecimento para o Século XXI: a Pesquisa na Construção da Sociedade da Informação
V	2003	Informação, conhecimento e transdisciplinaridade: desafios do milênio
VI	2005	A política científica e os desafios da Sociedade da Informação
VII	2006	A dimensão epistemológica da Ciência da Informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação
VIII	2007	Promovendo a inserção internacional da pesquisa brasileira em Ciência da Informação
IX	2008	Diversidade cultural e políticas de informação
X	2009	Responsabilidade Social da Ciência da Informação
XI	2010	Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
XII	2011	Políticas de informação para a sociedade

Fonte: Álvares Júnior – 2006 – p.63. ENANCIB – 2009.

Os Encontros são divididos em Grupos Temáticos autônomos (GT), que tem “[...] como principal função reunir através de uma pré-classificação os trabalhos quando são submetidos” e também a avaliação das comunicações que comporão os anais como resumos ou trabalhos completos (ÁLVARES JÚNIOR, 2006, p.63; 81).

O sítio da ANCIB¹⁹ disponibiliza em seus documentos os critérios gerais de seleção de trabalhos para apresentação nos Encontros como:

- Relevância de sua contribuição para a pesquisa na área;

¹⁹ Disponível em:

<http://www.ancib.org.br/media/download_gallery/CriteriosdecriacaoofuncionamentoeavaliacaoGTS_ancib.pdf>. Acesso em: 6 mar.2012.

- Pertinência à área temática definida pela ementa do GT;
- Qualidade das reflexões apresentadas no texto;
- Estrutura lógica, argumentação clara, correção do texto, bem como uso adequado das referências.

O documento que informa os critérios é uma cópia digitalizada da página da Associação datada de 27 de outubro de 2007, e recomenda ainda aos GT que os textos sejam inéditos, que seja considerada uma distribuição regional dos textos selecionados e que cada participante submeta um único trabalho em um único GT em cada ENANCIB, entre outras recomendações.

Cada GT deve, pelo Estatuto aprovado e vigente a partir de 2005, escolher e debater um número de trabalhos não superior a doze (12), privilegiando a qualidade, pertinência e relevância para a área como um todo e, por conseguinte, estimulando o debate após as apresentações nos Encontros (ÁLVARES JÚNIOR, 2006, p.84).

Álvares Júnior (2006, p.84) fala sobre a possibilidade de início dessa limitação após o encontro do Ano de 2000, no qual o ENANCIB apresentou o maior número de trabalhos (230) desde a criação do Evento e a partir do qual o número de trabalhos selecionados apresentou tendência de queda. Porém, como verificado na Tabela 1, o número total de trabalhos apresentados continua sendo superior ao estabelecido, o que pode indicar a relevância dos textos

inscritos e a utilização, pelo Coordenador do GT, da autonomia para extrapolar esse limite.

A criação de novos GT ocorre pela identificação de necessidade de novos espaços de reflexão explicitada pelos pesquisadores e pela tendência de atualização das temáticas emergentes no campo (ÁLVARES JÚNIOR, 2006, p.84). O Quadro 5 apresenta os GT dos Encontros a partir de 1994, ano em que foi realizado o I ENANCIB.

Quadro 5: GT DO ENANCIB.

GT	1994 (I)	1995 (II)	1997 (III)	2000 (IV)	2003 (V)	2005 (VI)	2006 (VII)	2007 (VIII)	2008 (IX)	2009 (X)	2010 (XI)	2011 (XII)
1	Informação tecnológica	Informação tecnológica e administração de serviços	Informação tecnológica e administração de serviços	Informação tecnológica	Informação tecnológica e Informação para negócios	Estudos históricos e epistemológicos da informação	Estudos históricos e epistemológicos da informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação	Estudos Históricos e Epistemológicos da Informação
2	Informação e sociedade/cultura	Repres. do conhecimento /Indexação / Teoria da classificação	Repres. do conhecimento /Indexação / Teoria da classificação	Repres. do conhecimento /Indexação / Teoria da classificação	Repres. do conhecimento /Indexação / Teoria da classificação	Organização do conhecimento e represent. da informação	Organização do conhecimento e represent. da informação	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento
3	Represent. do conhecimento/ indexação/ Teoria da classificação	Novas tecnologias/ Bases de dados/ fontes de inf. e Educação à distância	Novas tecnologias/ B. dados/ fontes de inf. e Educação à distância	Novas tecnologias/ B. dados/ fontes de inf. e Educação à distância	Novas tecnologias/ B. dados/ fontes de inf. e Educação à distância	Mediação, Circulação e Uso da Informação	Mediação, Circulação e Uso da Informação	Mediação, Circulação e Uso da Informação	Mediação, Circulação e Uso da Informação	Mediação, Circulação e Uso da Informação	Mediação, Circulação e Apropriação da Informação	Mediação, Circulação e Apropriação da Informação
4	Adm./gestão/avaliação de estudos de usuários	Informação e sociedade/ Ação cultural	Informação e sociedade/ Ação cultural	Informação e sociedade/ Ação cultural	Informação e sociedade/ Ação cultural	Gestão de unidades de informação	Gestão de unidades de informação	Gestão da inf. e do conhecimento nas organizações	Gestão da inf. e do conhecimento nas organizações	Gestão da inf. e do conhecimento nas organizações	Gestão da inf. e do conhecimento nas organizações	Gestão da inf. e do conhecimento nas organizações
5	Formação profissional/ Mercado de trabalho	Produção científica/ Lit. cinzenta	Produção científica/ Lit. cinzenta	Comunicação científica	Comunicação e prod. cient./ Lit. cinzenta	Política, ética e economia da informação	Política, ética e economia da informação	Política e Economia da Informação	Política e Economia da Informação	Política e Economia da Informação	Política e Economia da Informação	Política e Economia da Informação
6	Produção científica/ Lit. cinzenta	Formação profissional/ Mercado de trabalho	Formação profissional/ Mercado de trabalho	Formação profissional/ Mercado de trabalho	Formação profissional/ Mercado de trabalho	Informação e trabalho	Informação e trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho
7	Políticas de pesquisa e dos Cursos de PG			Planejamento de sistemas/ Inteligência competitiva	Planejamento e gestão de sistemas	Inf.p/diagnóstico, mapeamento e avaliação	Inf.p/diagnóstico, mapeamento e avaliação	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I
8				Epistemologia da Ciência da Informação	Epistemologia da Ciência da Informação				Informação e Tecnologia	Informação e Tecnologia	Informação e Tecnologia	Informação e Tecnologia
9										Museologia patrimonial e informação	Museu, Patrimônio e Informação	Museu, Patrimônio e Informação
10											Informação e Memória	Informação e Memória
11												Inf. e Saúde
								Deb. s/ museologia e patrim.				

Fonte: Alvares Júnior – 2006 - p.84-85. Anais dos ENANCIB.

Alguns dos GT mudam de número, configuração e ementa constantemente. São poucos os que mantêm a mesma conformação. Para possibilitar um futuro estudo do desenvolvimento dos GT, Álvares Júnior (2006, p.86-87) propõe uma nova metodologia, buscando compatibilizá-los tematicamente.

Seguindo a construção de um modo de olhar os ENANCIBS em linhas temáticas ao longo dos anos, se observarmos a frequência dos títulos por GT/Ano [...] observamos que não é possível traçar uma linha de desenvolvimento dos grupos ao longo do tempo sem que incorramos em imprecisões metodológicas. A adequação [...] precisaria ser feita com base no que é necessário ajustar para que um título de um ano se funda, se divida, ou seja, introduzido de acordo com os outros anos (ÁLVARES JÚNIOR, 2006, p.87).

Considero relevante, especialmente em estudo que tem como objeto a dinâmica da relação tema/discurso, observar as configurações e mudanças do campo.

Assim, buscando seguir a proposta metodológica de Álvares Junior e dando continuidade ao quadro por ele iniciado que contemplava o período de 1994 a 2005, foram inseridas algumas alterações, e reajustados os GT compreendidos entre os Anos de 2006 a 2011 (Quadro 6)²⁰.

²⁰ A ANCIB não disponibiliza todas as ementas dos GT históricos e, apesar de solicitação à sua atual Direção, não obtive resposta. A leitura das ementas propiciaria maior segurança à autora na construção do Quadro 6.

Álvares Júnior (2006, p.93) frisa que a evolução dos GT deveria ser feita de forma harmônica, levando em consideração as características e peculiaridades de cada um, bem como suas subdivisões e mantendo a ordenação de base, sem mudanças indiscriminadas, com justificativa explícita e avaliação na metodologia utilizada para que o pesquisador pudesse navegar com facilidade pela estrutura do Evento e tivesse acesso facilitado à leitura dos GT.

Fica, no entanto o estranhamento de que nossa área, tão dada às padronizações, controle de vocabulários, terminologias, preocupações com a interoperabilidade de sistemas, metadados, etc. não utilize no seu próprio trabalho, para fins de estabelecimento “do estado da arte” da área, alguns desses conceitos (ÁLVARES JÚNIOR, 2006, p.93).

Apesar deste problema, é fato que junto com os artigos de periódicos, que apresento no próximo item, os trabalhos apresentados nos ENANCIB estão entre os produtos que dão visibilidade à área e a seus profissionais.

Quadro 6: GT DO ENANCIB agregados pela autora de acordo com o critério temático proposto por Álvares Júnior.

	1994 (I)	1995 (II)	1997 (III)	2000 (IV)	2003 (V)	2005 (VI)	2006 (VII)	2007 (VIII)	2008 (IX)	2009 (X)	2010 (XI)	2011 (XII)
1	Inf. tecnológico a + Adm./gestão/avaliação de estudos de usuários	Informação tecnológica e administração de serviços	Informação tecnológica e administração de serviços	Inf. tecnológico a + Planejamento de sistemas/Inteligência compet.	Inf. tecnológico a e inf. para negócios + Planej. e gestão de sistemas	Gestão de un. de informação o + Inf. p/diagnóstico, mapeamento e avaliação	Gestão de un. de informação o + Inf. p/diagnóstico, mapeamento e avaliação	Gestão da inf. e do conhec. nas organizações	Gestão da inf. e do conhec. nas organizações	Gestão da inf. e do conhec. nas organizações	Gestão da inf. e do conhec. nas organizações	Gestão da inf. e do conhec. nas organizações
2	Representação/teoria da classificação	Representação/teoria da classificação	Representação/teoria da classificação	Representação/teoria da classificação	Representação/teoria da classificação	Org. do conhec. e representação da informação	Org. do conhec. e representação da informação	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento	Organização, e represent. do conhecimento
3		Novas tecnologias s/B, dados/fontes de inf. (e a Educação)	Novas tecnologias s/B, dados/fontes de inf. e Educ. à distância	Novas tecnologias s/B, dados/fontes de inf. e Educ. à distância	Novas tecnologias s/B, dados/fontes de inf. e Educ. à distância							
4	Informação e sociedade /ação cultural	Informação e sociedade /ação cultural	Informação e sociedade /ação cultural	Informação e sociedade /ação cultural	Informação e sociedade /ação cultural	Política, ética e economia da inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.	Política, ética e economia da inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.	Política e Economia da Inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.	Política e Economia da Inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.	Política e Economia da Inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.	Política e Economia da Inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.	Política e Economia da Inf. + Mediação, circ. e uso da Inf.
5	Produção científica/ Lit. cinzenta	Produção científica/ Lit. cinzenta	Produção científica/ Lit. cinzenta	Comunicação científica	Comunicação e prod. cient. /Lit. cinzenta			Produção e Comunicação da Inf. em CT&I	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I + inf. e tecnologia	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I + inf. e tecnologia	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I + inf. e tecnologia	Produção e Comunicação da Inf. em CT&I + inf. e tecnologia
6	Form. profissional/ Mercado de trabalho	Form. profissional/ Mercado de trabalho	Form. profissional/ Mercado de trabalho	Form. profissional/ Mercado de trabalho	Form. profissional/ Mercado de trabalho	Informação e trabalho	Informação e trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho	Informação, Educação e Trabalho
7	Políticas de pesquisa e dos Cursos de PG											
8				Epistemologia da Ciência da Informação	Epistemologia da Ciência da Informação	Estudos históricos e epistemológicos da informação	Estudos históricos e epistemológicos da informação	Estudos históricos e epistemológicos da informação	Estudos históricos e epistemológicos da informação	Estudos históricos e Epistemológicos da Informação	Estudos Hist. e Epistemológicos da CI	Estudos Hist. e Epistemológicos da CI
9								Debates sobre Museologia e patrimônio	Museologia, patrimônio e informação	Museu, Patrimônio e Informação	Museu, Patrimônio e Informação	Museu, Patrimônio e Informação
10										Informação e Memória	Informação e Memória	Informação e Memória
11											Informação e Saúde	

Fonte: Adaptado de Álvares Júnior – 2006 – p.86-87.

3.2.2 Periódicos do campo informacional no Brasil

Mueller (1999, p.4) constata que “[...] os periódicos científicos brasileiros são em sua maioria publicados por universidades e outras entidades acadêmicas ou de pesquisa, e não almejam exatamente lucro, mas o prestígio”. Ainda segundo a autora, o conjunto dos periódicos brasileiros não pode ser considerado homogêneo apesar da regularidade de publicação de alguns títulos. Para ilustrar o problema da irregularidade de frequência de periódicos, Mueller afirma que muitos deles foram vítimas da ‘síndrome dos três fascículos’, findos os quais a publicação deixa de ser editada (MUELLER, 1999, p.3).

Baseados em Campello e Campos (1993)²¹, Cunha (1997)²², Mueller (1999) e Stumpf (2000)²³, Ohira, Sombrio e Prado (2000, p.29) apontam os principais problemas que afetam os periódicos.

- Proliferação: quantidade de periódicos publicados atualmente, resultado da necessidade de publicar, que atinge hoje muitos cientistas, já que a promoção na carreira, principalmente acadêmica, depende, entre outras coisas, do número de trabalhos publicados. Em

²¹ CAMPELLO, B. S.; CAMPOS, C. M. **Fontes de informação especializadas**: características e utilização. 2.ed. Belo Horizonte: UFMG, 1993. 160p.; p.41-49.

²² CUNHA, L. Publicações científicas por meio eletrônico: critérios, cuidados, vantagens e desvantagens. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.77-92, jan./jun. 1997.

²³ STUMPF, I. R. C. **Reflexões sobre as revistas brasileiras**. Disponível em: <<http://www.ilea.ufrgs.br/entexto/>>. Acesso em: 2 jul. 2000.

consequência, encontramos um número excessivo de periódicos, cada qual com um número muito limitado de leitores-alvo;

- Dispersão de artigos: artigos sobre um determinado assunto, são publicados em vários periódicos. O problema da dispersão de artigos está diretamente ligado à proliferação de títulos;
- Altos custos: os recursos escassos e dispersos para custear a editoração e impressão, a baixa tiragem, provocando um aumento no preço da assinatura, que por sua vez, resulta no baixo número de assinantes;
- A falta de infra-estrutura para captação de artigos originais que correspondem ao perfil editorial das revistas, como também, a evasão dos artigos melhores para as revistas estrangeiras;
- A formação deficiente do corpo editorial e amadorismo na execução de tarefas;
- Ineficiência: as informações contidas no periódico científico chegam ao conhecimento do público alvo, por outros meios, antes de sua efetiva publicação;
- Esquema de distribuição deficiente, a baixa qualidade gráfica e irregularidades na periodicidade contribuem para que os mesmos sofram interrupções;
- A falta de padronização que dificulta a indexação das revistas;
- Limite físico: limite do número de páginas que podem ser publicadas com alguma viabilidade financeira. Como resultado, artigos que poderiam trazer informações novas e relevantes acabam não sendo publicadas, por falta de espaço;

- Falta de agilidade no *feed-bak*: os autores e leitores dos periódicos impressos não possuem veículos para a resposta, ou para a interação imediata. São comuns demoras de mais de um ano desde o momento em que o artigo é enviado ao editor até a data de sua publicação, e demoras ainda maiores até que haja resposta ao artigo.

Apesar disso Freire (2008, p.21) analisa que o “[...] periódico científico constitui o principal meio de comunicação científica na Ciência da Informação, sendo responsável pela divulgação da maior parte da produção científica” e aponta algumas similaridades entre as revistas científicas da área:

- A maioria disponibiliza texto integral na Internet;
- Possuem um corpo editorial qualificado;
- Usam o sistema de avaliação pelos pares;
- Têm como sedes instituições ligadas ao ensino e à pesquisa.

O Ano de 1972 traz o início da edição de dois importantes periódicos pioneiros na área de Ciência da Informação e Biblioteconomia: *Ciência da Informação* – do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) – e a Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG – atual *Perspectivas em Ciência da Informação* – ambas editadas em versão *on-line*²⁴ a partir de 1996.

²⁴ Disponível em: <<http://www.ibict.br/cienciadainformacao>>. e <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci>>.

Castro (2006, p.12) afirma que a proliferação de publicações na área da Biblioteconomia a partir da Década de 1970 ocorreu por dois fatores: o crescimento dos cursos de pós-graduação e o alerta do responsável pela missão da Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) em 1968, que considerou a ausência de periódicos como um dos pontos negativos para a Biblioteconomia brasileira.

Castro levanta ainda questão sobre as temáticas abordadas pelo campo, que será retomada nas considerações finais.

Ainda no Ano de 1996 foi publicado o primeiro periódico somente no formato *on-line* – *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*²⁵, do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina e, em 1999, também somente no formato *on-line*, a *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*²⁶, do Instituto de Adaptação e Inserção na Sociedade da Informação (IASI) (CAFÉ; FACHIN, 1999, p.73).

A partir do Ano de 2000, o *Open Journal Systems (OJS)*²⁷ começa a ser utilizado em 141 revistas nacionais,

²⁵ Disponível em: <<http://www.encontrosbibli.ufsc.br>>.

²⁶ Disponível em: <<http://www.dgz.org.br/>>.

²⁷ OJS é uma solução de código livre para gerenciar e publicar periódicos científicos na Internet. O sistema gratuito, altamente flexível, é operado pelo próprio editor para administrar o processo de publicação de sua revista, devendo ser instalado em um servidor Web. Disponível em: <<http://www.uff.br/RVQ/ManualOJS.pdf>>.

que adotam o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER)²⁸ com o objetivo de subsidiar a melhoria do padrão editorial de publicações nacionais²⁹ (CAFÉ; FACHIN, 2007, p.16) e (IBICT, 2011).

Quanto à qualidade do conteúdo das publicações, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)³⁰ instituiu um conjunto de procedimentos de avaliação – Qualis – que tem como objetivo a avaliação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação e que disponibiliza como instrumento constantemente atualizado uma lista com a classificação dos veículos utilizados por docentes desses programas para divulgação da sua produção. A avaliação dos Programas de Pós-graduação é trienal.

²⁸ O Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (SEER) foi traduzido e customizado pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) baseado no software desenvolvido pelo Public Knowledge Project (Open Journal Systems) da Universidade British Columbia. Disponível em: <<http://www.ibict.br/secao.php?cat=seer>>.

²⁹ O sítio do IBICT disponibiliza a lista de usuários do sistema OJS/SEER, no qual atualmente, há 10 (dez) periódicos específicos da área de Ciência da Informação e 4 (quatro) de Biblioteconomia. No entanto, ao observar a lista verificamos que algumas revistas foram incluídas no sistema sem informação sobre grande área, área e/ou sub-área, caso da “Arquivística.net”, “Biblos: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História”, “Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação”, “Perspectivas em Ciência da Informação”, “Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina”, “Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação”, “Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação”, entre outras; e outras revistas como “Incid: Revista de Ciência da Informação e Documentação” e “Comunicação & Informação” não constam da relação de periódicos no sistema SEER, e entretanto o utilizam. Esta constatação não permite que se possa fazer observações sobre a melhoria que o sistema permite para os periódicos da área.

³⁰ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/avaliacao/qualis>>.

A estratificação da qualidade dessa produção é realizada de forma indireta. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos. A classificação de periódicos é realizada pelas áreas de avaliação e passa por processo anual de atualização. Esses veículos são enquadrados em estratos indicativos da qualidade - A1, o mais elevado; A2; B1; B2; B3; B4; B5; C — com peso zero (CAPES, 2011).

Um mesmo periódico pode ser classificado em duas ou mais áreas distintas, caso de periódicos multidisciplinares – que publicam artigos de autores docentes de diversas áreas –, e receber diferentes avaliações, que não caracterizam inconsistência já que a avaliação expressa o valor atribuído em cada área à “[...] pertinência do conteúdo veiculado” (CAPES, 2011).

O sítio da CAPES disponibiliza a lista de periódicos da área de Ciências Sociais Aplicadas, onde se enquadra o campo da Ciência da Informação, avaliados com base no Ano de 2008. Estão em fase de processamento as informações referentes ao Ano base 2010, que contemplará a inclusão de novos títulos e revisão da classificação dos periódicos já inseridos no sistema, com base nas informações do sistema de coleta de dados dos Programas de Pós-graduação (CAPES, 2011).

Os critérios de avaliação de periódicos disponibilizados mais recentemente para a área de Ciências

Sociais Aplicadas referem-se ao período de 2007/2009, constam do *Documento de área 2009*³¹, são adaptados para as áreas específicas de Comunicação, Ciência da Informação e Museologia e estão listados no Apêndice A.

3.2.3 BRAPCI

A Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (BRAPCI) é um produto de informação de projeto do Departamento de Ciência e Gestão da Informação (DECIGI) da Universidade Federal do Paraná, financiado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq), que tem como objetivo “[...] subsidiar estudos e propostas na área de CI, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente” (BUFREM, 2010, p.25).

A ideia que originou o projeto, segundo Bufrem (2010, p.35) foi a de “[...] reunir a literatura pertinente da área de CI em um único local que facilitasse a busca e recuperação da informação para pesquisadores, acadêmicos e a comunidade em geral”; resultando na criação de um produto que pudesse ser acessado em um ambiente virtual.

O primeiro nome do empreendimento foi *Base Referencial de Revistas de Biblioteconomia e Ciência da*

³¹ Disponível em:

<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/SOC_APL_IC_07mai10.pdf>.

Informação (Base BRES), da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Nos três primeiros anos da implantação do projeto (2000-2003), foram levantados os títulos de treze periódicos da área e, paralelamente, realizada busca no acervo da Biblioteca do Setor de Ciências Sociais Aplicadas (BSCSA) da UFPR, onde foram verificados os periódicos do acervo físico relacionados à área de CI. [...] Nos anos seguintes (2004-2008), foram realizadas análises específicas sobre as características temáticas, metodológicas e formais da literatura, obedecendo-se aos pressupostos iniciais e incorporação à base das publicações que atendiam a esses critérios. Essa análise possibilitou a ampliação significativa da quantidade de títulos selecionados; dos treze iniciais para 27 títulos até 2008, [...]. Em 2009, foram incorporados mais três títulos de publicações à Brapci e implementado o mecanismo de coleta automática de registros, utilizando-se o protocolo OAI-PMH de arquivos abertos. Isso possibilitou um crescimento significativo da base em quase dois mil registros adicionais, graças ao acesso em ambiente virtual de edições antes não acessíveis, as quais foram identificadas e incorporadas por meio de trocas de metadados. Até outubro do ano de 2009, a Brapci reuniu trinta publicações periódicas vigentes e históricas produzidas no Brasil, concentrando 6167 artigos em CI (BUFREM, 2010, p.35).

Bufrem (2010, p.38) relata que uma das ferramentas utilizadas para a construção da Base foi a pesquisa de campo com o universo de pesquisadores participantes da

lista de discussão da ANCIB para definição de algumas demandas dos pesquisadores. A equipe do projeto é composta por pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação relacionados às áreas requeridas pelo empreendimento (BUFREM, 2010, p.25).

Atualmente a Base BRAPCI agrega referências e resumos de textos publicados em 35 periódicos nacionais, publicados de 1972 a 2011, entre impressos e eletrônicos. Do total de periódicos, vinte e quatro são vigentes (publicados com regularidade) e onze históricos (deixaram de ser publicados ou deixaram de ter seu conteúdo contemplado pela Base). O Quadro 7 apresenta as publicações indexadas pela Base.

Quadro 7: Publicações inseridas na Base BRAPCI.

Periódico	Vigência	Período	Periodicidade
Arquivística.net	Vigente	2005-	Semestral
Arquivo & Administração	Histórica *	1972-1998	Quadrimestral
Biblionline	Vigente	2005-	Semestral
BIBLOS - Rev.do Instituto de Ciências Humanas e da Informação	Vigente	1985-	Semestral
Brazilian Journal of Information Science	Vigente	2007-	Semestral
Cadernos de Biblioteconomia	Histórica*	1973-1989	não informada
Ciência da Informação	Vigente	1972-	Quadrimestral
Comunicação & Informação	Vigente	1998-	Semestral
DataGramaZero	Vigente	1998-	Bimensal
Em Questão: Rev. Fac.de Biblioteconomia e	Vigente	2003-	Semestral

Comunic.da UFRGS			
Enancib**	Vigente		não informada
Encontros Bibli: Rev. Eletrônica de Biblioteconomia e C. Informação	Vigente	1996-	Semestral
Estudos Avançados em Biblioteconomia e Ciência da Informação	Histórica*	1982-1986	Anual
ETD - Educação Temática Digital	Vigente	2001-	Semestral
InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação	Vigente	2010-	não informada
Inclusão Social	Vigente	2005-	Semestral
Infociência	Histórica*	1997-2004	Anual
Informação & Informação	Vigente	1995-	Semestral
Informação & Sociedade: Estudos	Vigente	1991-	Quadrimestral
Informare: Cadernos do Programa de Pós-Grad. em C. Informação	Histórica*	1995-2000	Semestral
Liinc em revista	Vigente	2005-	Semestral
Perspectivas em Ciência da Informação	Vigente	1996-	Quadrimestral
Perspectivas em Gestão & Conhecimento	Vigente	2011-	Semestral
Ponto de Acesso	Vigente	2007-	Quadrimestral
Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina	Vigente	1996-	Anual
Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação	Vigente	1973-	Semestral
Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG	Histórica*	1972-1995	Semestral
Revista de Biblioteconomia & Comunicação	Histórica*	1986-2000	Anual
Revista de Biblioteconomia	Histórica	1973-2001	Semestral

de Brasília	*		
Revista Digital de Biblioteconomia & Ciência da Informação	Vigente	2003-	Semestral
Revista do Departamento de Biblioteconomia e História	Histórica *	1978-1983	Semestral
Revista Eletrônica Informação e Cognição	Histórica *	1999-2007	Semestral
Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins	Histórica *	1999-2001	Quadrimestral
Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação	Vigente	2008-	Anual
Transinformação	Vigente	1989-	Quadrimestral

Fonte: Base BRAPCI.

* Deixou de ser publicada ou contemplada pela Base BRAPCI

** Apesar de, estranhamente, constar do rol de publicações contempladas pela base, não há indicação de período e/ou trabalhos incluídos.

Das vinte e quatro publicações vigentes que a base agrega vinte e três são usuárias do sistema SEER/OJS, sendo a DataGramaZero a única exceção.

O Quadro 8 apresenta a avaliação Qualis³² até 2008 das publicações inseridas na Base BRAPCI.

³² Disponível em:

<<http://qualis.capes.gov.br/webqualis/ConsultaListaCompletaPeriodicos.faces>>.

Quadro 8 - Avaliação Qualis de 2009 das publicações inseridas na Base BRAPCI.

Qualis	Nome do periódico
A2	Ciência da Informação (Impresso)
	Ciência da Informação (Online)
	Perspectivas em Ciência da Informação (Impresso)
B1	Informação & Sociedade (Impresso)
	Informação & Sociedade (Online)
B2	DataGramaZero
	Em Questão (Impresso)
	Encontros Bibli
	Transinformação
B3	Brazilian Journal of Information Science
	Comunicação & Informação
	Informação & Informação (Impresso. Cessou em 2002)
	Informação & Informação (Online)
	Liinc em Revista
	Revista de Biblioteconomia de Brasília
	Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação
	Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação
B4	Arquivo e Administração
	Arquivística.net
	ETD: Educação Temática Digital
	Inclusão Social (Impresso)
	Inclusão Social (Online)
	Revista ACB
	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Doc. (Impresso)
	Revista Brasileira de Biblioteconomia e Doco (Online)
B5	PontodeAcesso
	Revista Eletrônica Informação e Cognição
C	Biblionline
	Revista de Biblioteconomia e Comunicacao

Fonte: WebQualis.

3.3 Caracterização da Contemporaneidade

O objeto deste trabalho é a comparação de determinados trajetos temáticos de artigos e trabalhos veiculados por diferentes canais de comunicação, que se ligam fortemente a perspectivas histórico-sociológicas – das quais a noção de SI faz parte – que contextualizam objetos e objetivos, como já constatado na pesquisa de Freitas (2010). Assim, para compreender melhor as diferenças entre as duas distintas fontes, foi necessário entender os contextos enunciativos da SI.

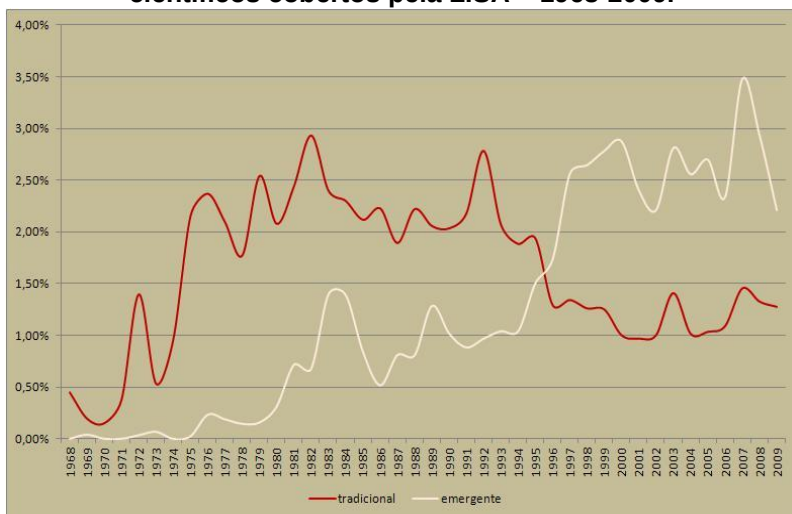
A noção de Sociedade da Informação (daqui em diante SI) no campo informacional no Brasil é a forma dominante de caracterização do contexto sócio histórico dos processos informacionais e desde meados da Década de 1990 está presente em seu discurso como paradigma de um ‘novo mundo’, que traria consigo todo um conjunto de novos procedimentos que se relacionam às chamadas “[...] novas tarefas para o profissional da informação” e uma nova realidade.

Freitas (2001) mostra nos dados internacionais, coletados na base *Library and Information Science Abstracts (LISA)*³³, que o termo SI surge na Década de 1980 e torna-se dominante, como forma de caracterização do contexto

³³ A base LISA é editada pela *Cambridge Scientific Abstracts (CSA)* e disponibiliza dados bibliográficos, resumos e descritores de artigos dos principais periódicos da CI mundial desde 1968.

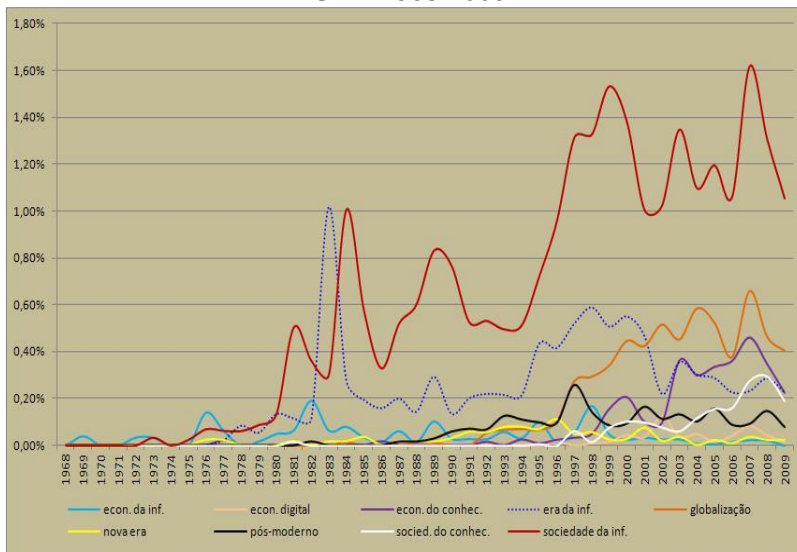
sócio histórico dos processos informacionais a partir de 1996, ano em que surge na literatura nacional. A atualização dos dados da pesquisa de Freitas em relatório de Rodrigues e Freitas (2010, p.28) confirma essa dominância.

Gráfico 1: Frequência relativa das perspectivas histórico-sociológicas tradicional e emergente em artigos de periódicos científicos cobertos pela LISA – 1968-2009.



Fonte: Rodrigues e Freitas – 2010 – p.28.

Gráfico 2: Frequência relativa de recortes temático-discursivos ligados à perspectiva histórico-sociológica emergente em artigos de periódicos científicos cobertos pela LISA – 1968-2009.



Fonte: Base LISA.

Interessante notar, que na literatura internacional, o termo SI, apesar de dominante, apresenta frequência relativa bem menor que a encontrada na literatura nacional como demonstram os Gráficos 3 e 4.

A inversão de tendência entre as perspectivas histórico-sociológicas tradicionais e emergentes se dá em 1996, nacional e internacionalmente

Para Freitas (2002, p.5) “[...] apesar do grande uso da noção de SI pela área em foco, sua literatura nem sempre se dedica a explicitá-lo em seus fundamentos teóricos”.

Jardim (2001, p.7) afirma que há grande diversidade de usos da noção de SI, apontando para várias abordagens teóricas no campo informacional ou em políticas nacionais, porém sem consenso sobre sua definição.

Mattelart (2003), igualmente denunciando a falta de debate aprofundado sobre a noção de SI antes de seu acolhimento pela área científica mostra como seu uso ficou restrito aos interesses de países industrializados e grandes corporações que privilegiaram a visão econômico-gerencial, ou seja, o lucro que adviria com a utilização da informação para objetivos específicos e vendáveis e ligados à governabilidade de potências ocidentais.

Desde a década de 1970, a noção de “sociedade da informação” inspirou os programas dos grandes países industrializados. Estes viam ali o meio de sair de uma dupla crise: a do modelo de crescimento e a da “governabilidade das democracias ocidentais” (MATTELART, 2003).

O uso dessa noção pelo campo informacional no Brasil se inicia a partir da Década de 1990, e apresenta a SI como uma nova realidade que substitui o industrialismo por um novo modelo em que a informação e o conhecimento seriam as ‘matérias primas’ em todas as áreas (Gráficos 3 e 4).

Mas serão todas as sociedades passíveis de classificação nesse novo conceito de Sociedade de Informação, em formação? O conceito de globalização, relacionado ao novo modelo, leva a crer que sim. Nele as

diferenças, peculiaridades e relações assimétricas de grupos e nações são eliminadas e aplainadas colocando todos num mesmo patamar.

Webster (2003) analisa na literatura as formas de descrição de uma SI a partir da constatação do uso da noção, afirmando que as definições utilizadas por autores são baseadas em diferentes critérios de aplicação e não em um conceito, e analisa criticamente cada um deles. Segundo Webster os critérios utilizados são:

- Critérios tecnológicos - enfatizam as inovações tecnológicas, o baixo custo de processamento e armazenamento da informação e a possibilidade de uso em várias atividades na sociedade. Webster afirma que apesar dos avanços que a tecnologia permite, deve ser levada em conta a necessidade de infraestrutura para o funcionamento do aparato tecnológico; que as descrições de mudanças quantitativas não justificam análises de mudanças qualitativas na sociedade por não existirem meios de mensuração confiáveis e que esse critério leva a uma abordagem simplista dos processos sociais de transformação (WEBSTER, 2003, p.1338-1340);
- Critérios econômicos - têm como referência autores que estabelecem categorizações de setores econômicos ligados à informação para

quantificar sua participação no PIB de um país. Webster aponta inconsistências nessa categorização, que homogeneíza diferentes atividades, e podem embutir juízo de valor, além de não responder a algumas perguntas importantes como, por exemplo: “Em que momento do gráfico pode-se considerar que uma sociedade entra na SI?” (WEBSTER, 2003, p.1341-1342);

- Critérios ocupacionais - os autores que utilizam critérios ocupacionais definem como SI a sociedade que teria a maioria da força de trabalho ligada ao setor que categorizam como informacional. Ou seja, quando o número de professores, advogados, artistas etc. superarem metalúrgicos, estivadores, construtores etc. essa sociedade será uma SI. A ideia central é a de que o “trabalhador informacional” é a chave para o futuro. A definição desse critério é frequentemente combinada a critérios econômicos e recai nos mesmos problemas de categorização duvidosa – levando a dificuldades para identificar ocupações informacionais estratégicas – e na ênfase quantitativa (WEBSTER, 2003, p.1342-1345).
- Critérios espaciais - seu uso envolve análises econômicas e sociológicas com ênfase nas redes

de informação que elevariam a informação a recurso estratégico num mundo globalizado e de economias transnacionais em que grandes corporações desenvolvem estratégias globais para produção, armazenamento e distribuição de bens e serviços e mecanismos para maximizar suas vantagens competitivas. O gerenciamento da informação leva à expansão das ocupações informacionais e a ideia principal é a de que a informação que circula nessas redes constituiria a SI. No entanto ninguém foi capaz de estabelecer o número e a que taxa a informação deve fluir para constituir uma SI. Não há também números confiáveis sobre o tráfego global de informação. Webster lembra ainda que a ideia de redes não é nova, apenas modificou-se e cita a infraestrutura de ferrovias, canais e estradas do Século XIX como exemplo, dizendo que hoje essas redes estão ofuscadas pelas redes de computadores, cabos e radio (WEBSTER, 2003, p.1345-1347);

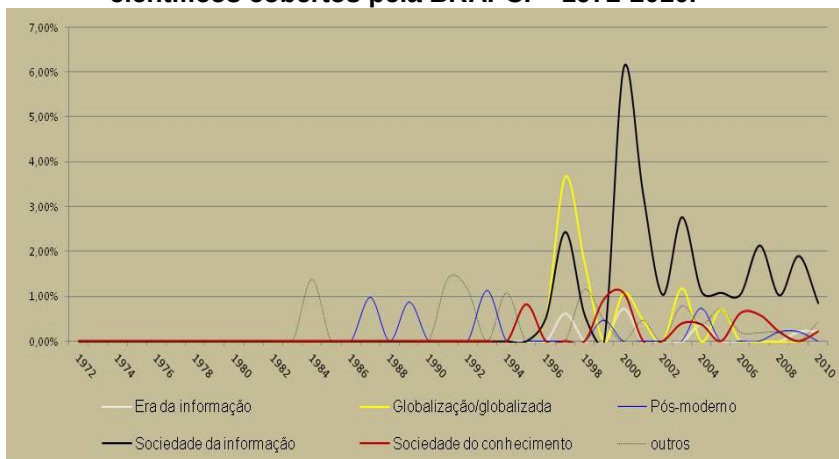
- Critérios culturais - seu uso relaciona-os à expansão do conteúdo informacional na vida cotidiana. Webster reconhece que a cultura contemporânea é mais fortemente carregada de informação do que qualquer uma de suas antecessoras (novamente a quantidade) e que vivemos hoje cercados por simbolismos. O

reconhecimento desta ‘explosão de significados’ é o argumento de alguns autores para o uso da concepção da SI. No entanto, Webster aponta a ausência de critérios mensuráveis, sem os quais as conclusões podem se tornar inconsistentes e que as mudanças simbólicas podem não caracterizar alterações estruturais na sociedade (WEBSTER, 2003, p.1345-1347).

Como vemos, baseados em Webster, há restrições teóricas e metodológicas em todas as definições de uma SI. Apesar dos problemas técnicos nos critérios, que privilegiam a quantificação em detrimento da qualidade, Freitas (2002, p.5) observa que “[...] o discurso da SI seguiu e segue se firmando na área de informação, tanto internacionalmente quanto no Brasil”.

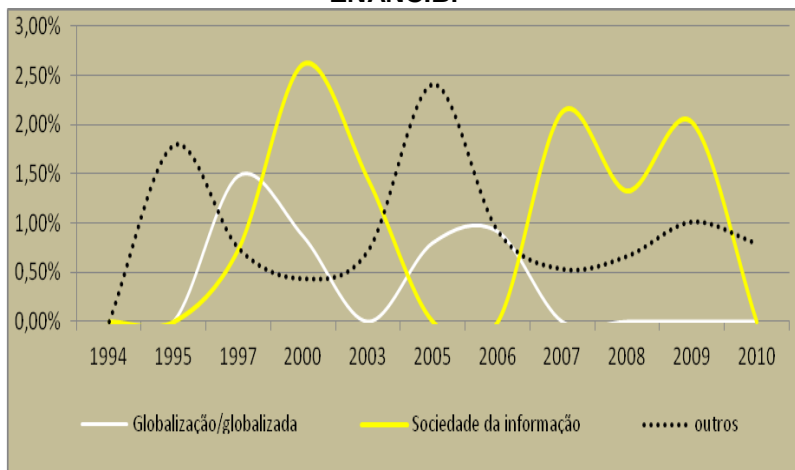
Para exemplificar o acolhimento do termo ‘Sociedade da Informação’ pela área no Brasil exibimos os Gráficos 3 e Gráfico 4.

Gráfico 3: Frequência relativa de recortes temático-discursivos ligados à perspectiva histórico-sociológica emergente no campo 'título' dos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI – 1972-2010.



Fonte: Salek e Freitas – 2011 – p.24.

Gráfico 4: Frequência relativa de recortes temático-discursivos ligados à perspectiva histórico-sociológica emergente no campo 'título' dos trabalhos dos Anais dos ENANCIB.



Fonte: Anais dos ENANCIB.

Vemos nos gráficos que na produção internacional a primeira menção ao termo ‘Sociedade da Informação’ ocorre no Ano de 1996 e tem seu auge no Ano de 2000, sem que a área fizesse uma análise consistente sobre sua utilização. Apesar da trajetória irregular, notamos tendência de estabilização de seu uso. Note-se também que o predomínio anterior da linha ‘outros’³⁴ – que agrega termos encontrados em número igual ou inferior a cinco ocorrências – aponta para a dispersão terminológica ou temática anterior, substituída pelo que chamamos de ‘discurso dos novos tempos’ no qual são incluídos os termos *era da informação*, *pós-moderno*, *globalização*, *sociedade do conhecimento* e *sociedade da informação* (SALEK; FREITAS, 2011, p.24).

Corroborando a visão de Webster, Sanchez Gamboa³⁵ (1997 *apud* Rosa, 2010, p.12), afirma que a propriedade privada e a acumulação de riquezas ainda prevalecem na sociedade, que continua a privilegiar os grupos que controlam os processos produtivos. Esses processos gerariam consumidores de produtos tecnológicos para possibilitar acesso “[...] à multiplicidade de informação, muitas vezes insignificantes, oferecidas pela democracia da

³⁴ Outros BRAPCI: economia da informação, economia do conhecimento, era digital, pós- industrial, sociedade digital, sociedade em rede, sociedade pós-moderna. Outros ENANCIB: capitalismo cognitivo, economia da informação, era da informação, era digital, pós-moderno, sociedade digital, sociedade do conhecimento, sociedade em rede.

³⁵ SÁNCHEZ GAMBOA, S. Revolução informacional: pontos de vista para o debate sobre a sociedade da informação. **Transinformação**, Campinas, v.9, n.1, p.32-42, jan/abr 1997.

internet” (SANCHEZ GAMBOA, 1997 *apud* ROSA, 2010, p.12).

Apesar da constatação de que a sociedade não mudou, a noção de SI é aceita como natural, positiva e inevitável para alguns autores como Werthein, que afirma que

A expressão “sociedade da informação” passou a ser utilizada, nos últimos anos desse século, como substituto para o conceito complexo de “sociedade pós-industrial” e como forma de transmitir o conteúdo específico do “novo paradigma técnico-econômico”. A realidade que os conceitos das ciências sociais procuram expressar refere-se às transformações técnicas, organizacionais e administrativas que têm como “fator-chave” não mais os insumos baratos de energia — como na sociedade industrial — mas os insumos baratos de informação propiciados pelos avanços tecnológicos na microeletrônica e telecomunicações (WERTHEIN, 2000, p.71).

e Castells (2001) que diz que,

[...] a real transformação da estrutura econômica das sociedades avançadas é a emergência [...] da ‘economia da informação’, na qual um papel cada vez mais importante é exercido pela manipulação dos símbolos na organização da produção e no aumento da produtividade. [...] Além do mais, a qualidade da informação e a eficiência em processá-la constitui agora um fator estratégico na competitividade e produtividade das empresas e nações.

Jardim (2001, p.9) afirma que a gestão de recursos informacionais, um dos componentes da SI, passou a ser atividade estratégica, deslocando a ênfase do acervo para o acesso. Porém a alteração dos modelos de gerência ocorre lentamente, de modo complexo e contraditório, especialmente em países dependentes. Além disso, segundo o autor, os Estados são os “[...] principais promotores e campo privilegiado de articulação de iniciativas” (JARDIM, 2001, p.9), que sugeriria uma contradição entre os projetos de SI e a precariedade do próprio Estado, interferindo diretamente em sua capacidade governativa.

Birdsall (2005, p.90) lembra que o modelo conceitual de SI, se visto como inevitável, influencia a criação de políticas para satisfazer necessidades de ‘consumidores de informação’, não necessariamente daqueles que dela necessitam como recurso de políticas sociais, gerando a mercantilização da informação. O autor diz que o campo informacional, tentando assegurar o acesso à informação e ao conhecimento através de suas instituições, “carece de um corpo de pesquisas que lhes forneça uma estrutura conceitual na qual desenvolver efetivas estratégias argumentativas” (BIRDSALL, 2005, p.92).

Vemos então a noção de Sociedade da Informação ligada ao jogo do poder entre nações e grupos e com fundamentação teórica ainda incipiente e controversa e é

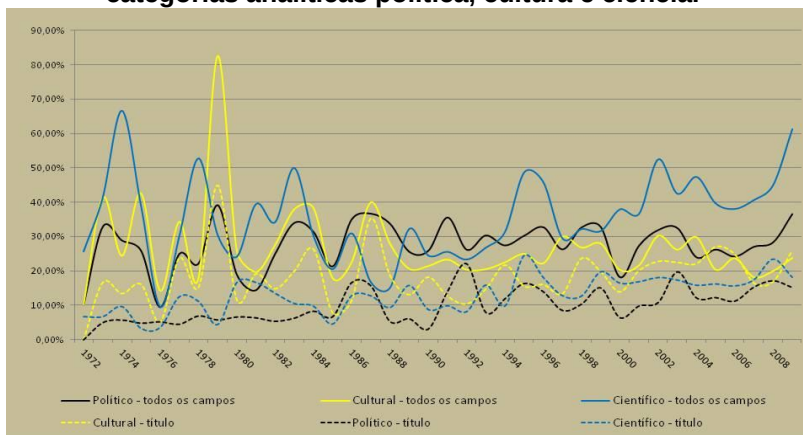
baseado nessas percepções que o presente trabalho fundamenta parte de suas análises.

No próximo tópico são apresentados os resultados da pesquisa e algumas observações.

4 RESULTADOS

A opção de busca dos termos nos títulos dos artigos inseridos na Base BRAPCI possibilitou a obtenção de dados compatíveis comparativamente com os do ENANCIB permitindo uma análise mais consistente das fontes estudadas, mas gerou também preocupações sobre a mudança que envolvia esta decisão. De forma geral, a temática dos artigos predomina no campo do título e a forma de abordagem e estrutura argumentativa nos resumos e descritores, apesar da possibilidade de quebra desse padrão, seja pelo surgimento de novidades terminológicas ou conceituais, seja por disputas teóricas, políticas passageiras, modismos diversos, apontando o grau de consenso ou hegemonia teórico-conceitual etc. Essa preocupação levou o grupo de pesquisa a comparar as duas metodologias. Os resultados dessa comparação são apresentados nos Gráficos 5 e 6.

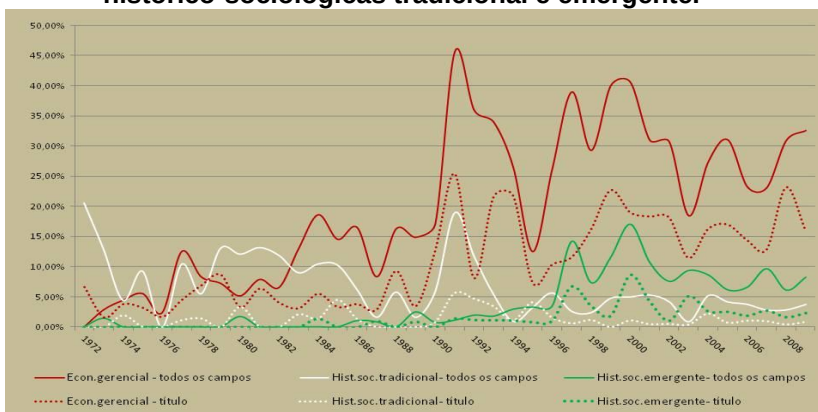
Gráfico 5: Comparativo entre os dados da BRAPCI levantados nos campos ‘título’, ‘resumo’ e ‘palavras-chave’ e os mesmos levantados apenas no campo ‘título’ – agregados pelas categorias analíticas política, cultura e ciência.



Fonte: Base BRAPCI.

O Gráfico 5 mostra que os recortes culturais são os que apresentam maior semelhança entre as duas formas de busca. Isso pode demonstrar que os artigos que tratam de aspectos culturais o fazem diretamente, e não principalmente como recurso argumentativo ou contextual. Já os recortes científicos e políticos apresentam grande diferença numérica entre as formas de busca, que demonstra seu funcionamento através de formas de abordagem e estrutura argumentativa.

Gráfico 6: Comparativo entre os dados da BRAPCI levantados nos campos ‘título’, ‘resumo’ e ‘palavras-chave’ e os mesmos levantados apenas no campo ‘título’ – agregados pela categoria analítica econômico-gerencial e perspectivas histórico-sociológicas tradicional e emergente.



Fonte: Base BRAPCI.

As linhas referentes aos recortes econômico-gerenciais têm movimento semelhante no gráfico a partir dos Anos 1990, podendo significar que se firmam como estrutura argumentativa e objeto de pesquisa.

Vale relembrar que as perspectivas histórico-sociológicas funcionam como estrutura argumentativa-contextualizadora e por isso esses recortes aparecem proporcionalmente em menor número; mas note-se que de forma similar tanto no campo do título quanto em todos os campos.

Demonstrada a factibilidade desta opção metodológica, os gráficos analisados neste trabalho contemplarão somente a busca nos títulos dos artigos

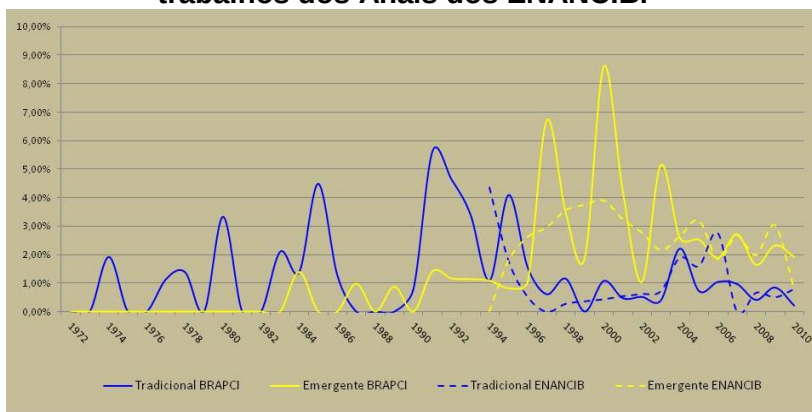
inseridos na base BRAPCI e trabalhos apresentados nos ENANCIB.

Na comparação gráfica entre os canais, para melhor visualização, foram suavizadas – através de médias aritméticas – as linhas referentes aos dados do ENANCIB, tendo em vista que os encontros foram irregulares até o Ano de 2005, quando passaram a ocorrer anualmente. Esse procedimento, evitou que os valores fossem ‘zerados’ nos anos em que o encontro não ocorreu, mas pode criar em alguns períodos a falsa sensação de que o decréscimo ou incremento de valores percentuais ocorreu paulatinamente. Como exemplo cito a categoria analítica econômico-gerencial, que no Enancib de 1997 apresenta frequência relativa de 21,48%, e no próximo encontro, em 2000, salta para 40,87%. Não foi portanto, um crescimento gradual e sim efeito da opção de apresentação gráfica.

Dada a importância dos discursos contextualizadores em nosso objeto, início a apresentação com os dados referentes às perspectivas histórico-sociológicas explicitadas nos títulos dos textos analisados.

Ressalto que apesar de o objeto da presente análise ser a comparação entre a dinâmica das fontes veiculadas pela BRAPCI e os Anais dos ENANCIB, considereei válido e importante incluir em alguns gráficos a totalidade dos dados da BRAPCI, que possui série temporal maior, em função da explicitação de um trajeto temático-discursivo histórico.

Gráfico 7: Comparativo entre frequência relativa de perspectivas histórico-sociológicas tradicionais e emergentes levantados no campo ‘título’ nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

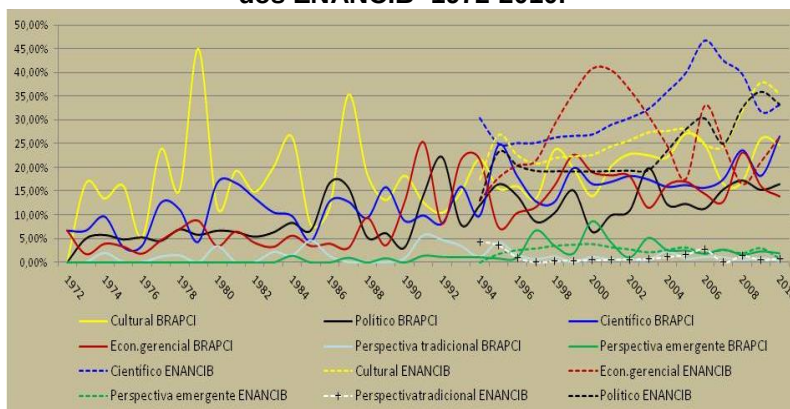
O discurso do desenvolvimentismo, representado pelas perspectivas histórico-sociológicas ‘tradicionais’ predomina até 1995 (ENANCIB) e 1996 (BRAPCI), quando é substituído pelo discurso ‘emergente’, que corresponde à crescente utilização da noção de *Sociedade da Informação* sendo a partir daí, quase sempre dominante numericamente tanto nos Encontros de Pesquisa quanto nos periódicos. Essa dominância foi praticamente hegemônica de 1995 até 2003 – coincidindo com o período das políticas neoliberais do governo Fernando Henrique Cardoso.

As perspectivas tradicionais e emergentes apresentam quase sempre movimentos opostos em cada fonte, mas o decréscimo das tradicionais não implicam em seu apagamento por completo. Note-se, que a BRAPCI

apresenta nos títulos de seus artigos movimentos mais oscilantes e abruptos.

O final da série, em que o discurso da *Sociedade da Informação*, aqui representado pelas perspectivas histórico-sociológicas emergentes decresce, deixa a dúvida quanto a sua causa: recuo da noção ou alcance de sua hegemonia, sendo ocioso sublinhá-la?

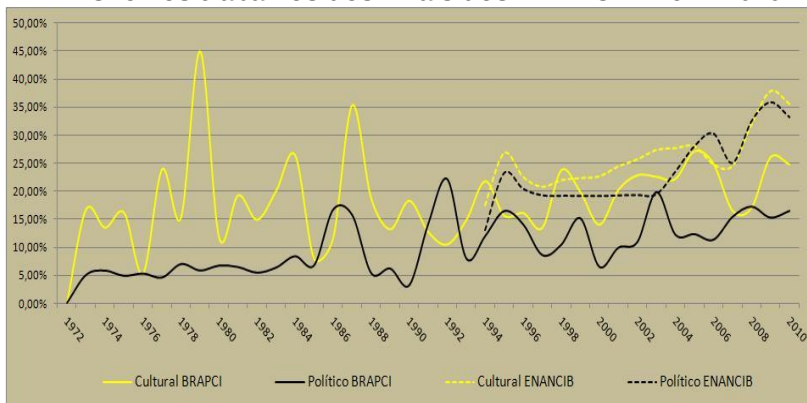
Gráfico 8: Comparativo entre frequência relativa de recortes temático-discursivos das categorias trabalhadas e perspectivas histórico-sociológicas tradicionais e emergentes levantados no campo ‘título’ nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB- 1972-2010.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

Com a finalidade de possibilitar uma melhor visualização e análise, o Gráfico 8 foi desmembrado para melhor detalhamento.

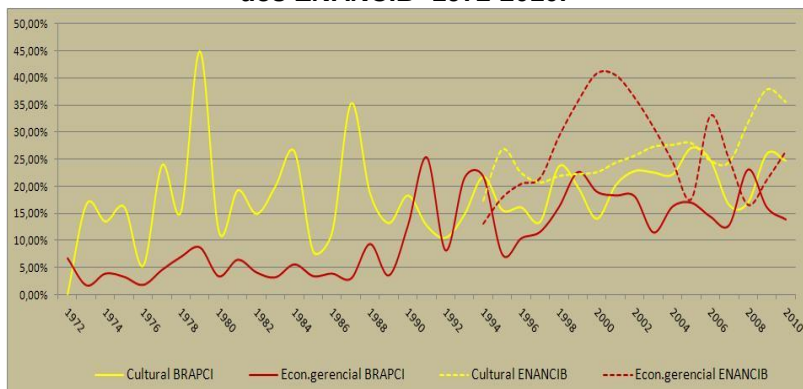
Gráfico 9: Comparativo entre frequência relativa das categorias analíticas cultura, política levantados no campo 'título' nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB- 1972-2010.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

O forte predomínio dos recortes culturais nas Décadas de 1970 e 1980 nos títulos dos artigos de periódicos, apesar de sua irregularidade, pode ser atribuído ao grande número de congressos, seminários e eventos na área de biblioteconomia e educação e ainda, como lembra Rosa (2010, p.55) por movimentos sociais e populares que marcaram essas décadas, levando ao incremento do lado social e cultural do viés biblioteconômico do campo informacional. Destaco a regularidade de movimento dos recortes políticos até meados da Década de 1980 – conhecida como a década perdida –, e a partir de 1986, o início de sua trajetória irregular.

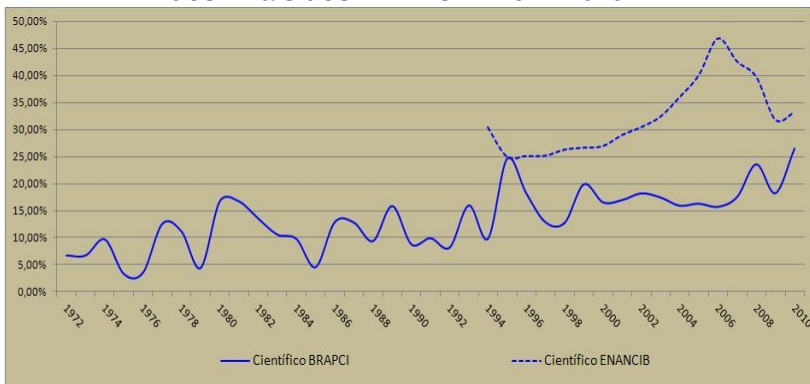
Gráfico 10: Comparativo entre frequência relativa das categorias analíticas cultura e econômico-gerencial levantados no campo 'título' nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB- 1972-2010.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

No início da Década de 1990 vemos os recortes econômico-gerenciais superarem pela primeira vez os culturais na base BRAPCI e a partir de aí passarem a se entrecruzar com movimentos quase sempre opostos: ao crescimento de um corresponde o decréscimo do outro. O mesmo se dá em relação ao ENANCIB a partir de 1996. Chama a atenção que – exceto no encontro de 1995 e nos últimos – os aspectos culturais não terem a predominância entre os demais analisados aqui.

Gráfico 11: Comparativo entre frequência relativa da categoria analítica ciência levantado no campo ‘título’ nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB- 1972-2010.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

Nota-se o efeito de ‘espelhamento’, quase ‘ponto a ponto’ entre os dois conjuntos de dados, apenas com a exceção desproporcional do crescimento do científico nas duas fontes em diferentes momentos: no ENANCIB a partir de 2003 – em que ultrapassa os 40% – e na BRAPCI a partir de 2008. Tal fato pode ser explicado pelo grau de exigência nos trabalhos apresentados ao ENANCIB como fruto de pesquisa acadêmico-científica, que devem envolver maior rigor teórico-metodológico e representar a frente de pesquisa do campo.

Ao analisar as frequências das categorias analíticas selecionadas com as perspectivas histórico-sociológicas emergentes, tanto na base BRAPCI quanto nos Anais dos ENANCIB, percebe-se nitidamente a regularidade de simultaneidade inversa de suas linhas – ‘efeito de

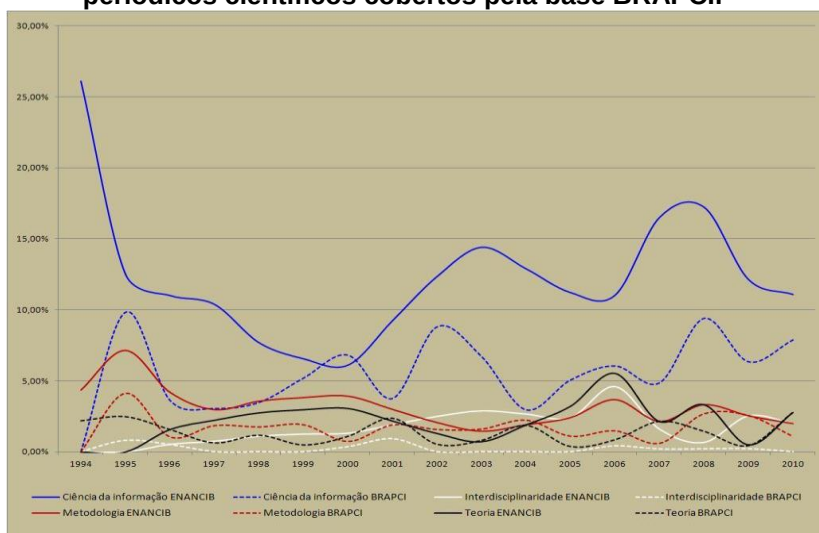
espelhamento' –, principalmente das categorias científica, política e cultural. O crescimento do discurso da SI corresponde ao decréscimo das temáticas culturais, científicas e políticas numa aparente contradição de abordagens. O oposto se dá com a categoria econômico-gerencial, que aparentemente encontra o novo discurso como justificativa de crescimento.

Considera-se que a categoria analítica 'ciência' deve ter um peso especial nesta análise, já que as teorias de comunicação científica que a embasam tratam especificamente do tema. Naquelas teorias, no periódico científico, junto com o livro científico, seriam veiculados os produtos mais formais – finais – da ciência (Ver Quadro 5, p.16). Encontramos dinâmicas bastante distintas do apontado na teoria geral. Em nosso campo, os trabalhos apresentados no ENANCIB apresentam – com a exceção, já analisada, do Ano 2000 – maior frequência temática e terminológica da ciência.

Nos Quadros 9 e 10 ressaltamos o comportamento histórico de alguns recortes discursivos ligados à categoria analítica 'ciência'.

Foi feita a opção pelos recortes que melhor representam aquela categoria como *Ciência da Informação* – cujo uso no título comumente aponta para aprofundamento de algum aspecto do campo enquanto ciência –, *Interdisciplinaridade*, *Metodologia*, *Teoria*, *Epistemologia*, *Estado da Arte*, *Filosofia* e *Paradigma*.

Gráfico 12: Frequência relativa de recortes temático-discursivos ligados à categoria analítica 'ciência' no campo 'título' dos trabalhos dos Anais dos ENANCIB e dos artigos de periódicos científicos cobertos pela base BRAPCI.

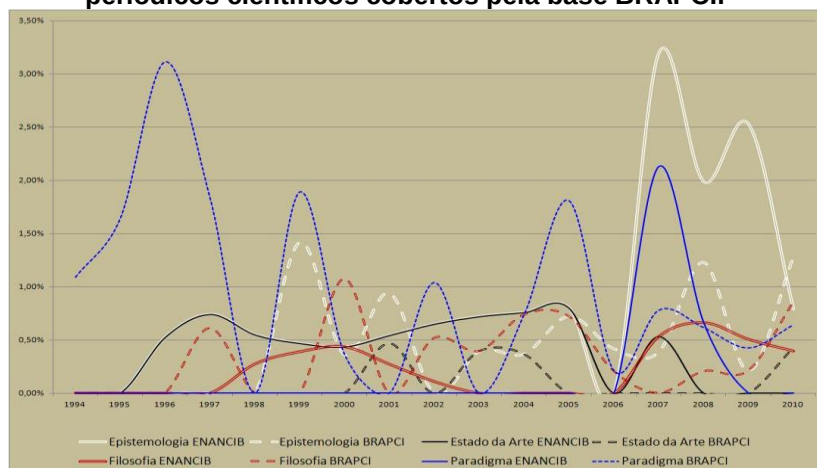


Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

Nas duas fontes o recorte *Ciência da Informação* é dominante com maior ênfase no ENANCIB, exceção feita ao atípico Ano 2000 no qual seu uso pelos artigos de periódicos supera o uso em trabalhos apresentados no ENANCIB por diferença de 0,72%. Os demais recortes também aparecem em maior número e apresentam movimentos com maior constância nos trabalhos dos ENANCIB, com poucas exceções – teoria (2001) e metodologia (2004). A partir de 1997, surge no ENANCIB o debate em torno do caráter disciplinar da Ciência da Informação, representado pela *inter/trans/multidisciplinaridade*, com peso consideravelmente maior que nos artigos de periódicos.

Sobressai no discurso científico do campo informacional, logo a seguir da *Ciência da Informação*, a menção à *metodologia*, provavelmente ligada aos fazeres operacionais do campo, não apenas ao viés científico (SALEK; FREITAS, 2011, p.20).

Gráfico 13: Frequência relativa de recortes temático-discursivos ligados à categoria analítica ‘ciência’ no campo ‘título’ dos trabalhos dos Anais dos ENANCIB e dos artigos de periódicos científicos cobertos pela base BRAPCI.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

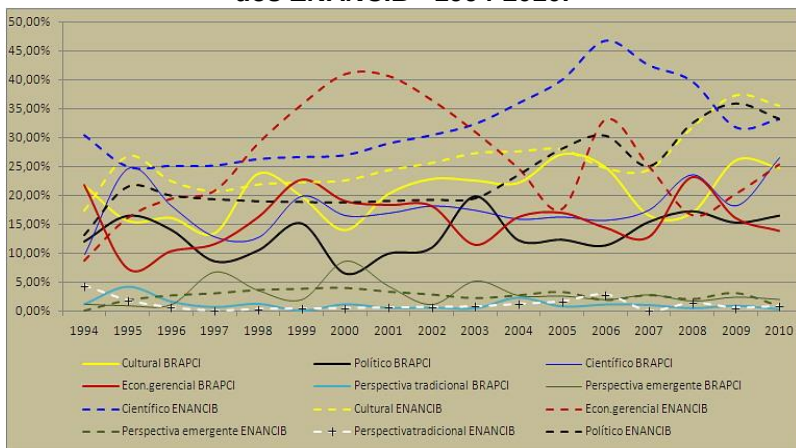
Nos artigos de periódicos a inconstância e o baixo percentual do recorte *epistemologia* contrasta com a abrupta ascensão observada nos trabalhos apresentados no ENANCIB em 2007, porém esse número vem caindo a partir daí também nesse evento. Destaca-se o grande uso do discurso do *paradigma* pelos artigos de periódicos, que se torna constante apesar de apresentar variações. Seu auge em 1996 nos artigos de periódicos coincide com o início de

discurso dos ‘novos tempos’, que pode significar que sua utilização está ligada ao discurso da sociedade da informação – sem maior fundamentação teórico-conceitual digna de campo científico, como já analisado.

Pode-se interpretar que em nosso campo os periódicos ainda possuem baixo controle da qualidade de seus artigos e que a produção acadêmica veiculada nos ENANCIB passa por filtros mais exigentes. Entretanto, como será aprofundado nas Considerações Finais, tal fenômeno pode corresponder à característica teórico-prática do campo informacional, analisada por diversos autores.

Para uma melhor visualização comparativa entre os canais, recortamos em detalhe o período de 1994 a 2010, apresentado no Gráfico 8 com a frequência relativa de recortes temático-discursivos e perspectivas histórico-sociológicas tradicionais e emergentes nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB.

Gráfico 14: Comparativo entre frequência relativa de recortes temático-discursivos das categorias trabalhadas e perspectivas histórico-sociológicas tradicionais e emergentes levantados no campo 'título' nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB - 1994-2010.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

No ENANCIB um dos destaques é o novo fôlego adquirido pela categoria científica, que apesar do movimento descendente entre 2006 e 2009 está agora em ascensão e parece reassumir junto com o político, lugar de destaque. Entretanto, como destacado em Salek e Freitas (2011, p.26) o crescimento da categoria política está fortemente ligado aos sentidos do 'social', que vêm sendo deslizados para redes de sentidos mais despolitizados e assistenciais – inclusive pelo campo acadêmico informacional. Esse fato impede o estabelecimento de uma análise mais positiva de seu crescimento.

Como visto nos Gráficos 8 e 14, na BRAPCI os recortes culturais, que chegaram anteriormente a um

somatório de mais de 40% dos títulos de artigos de periódicos, no Ano de 2000, auge do uso da SI e do discurso das *'novas tarefas'* esse total fica abaixo de 15%. O Ano 2000, também marcou de forma atípica o ENANCIB, provavelmente porque a ANCIB promoveu o encontro científico em conjunto com a iniciativa governamental Sociedade da Informação, somado à criação do *GT Planejamento e Gestão de Sistemas de Informação e Inteligência Competitiva*, que atuou apenas naquele ano. Os recortes econômico-gerenciais atingiram sua marca histórica – mais de 40% – e dominaram entre os demais temas analisados, tendo decrescido abruptamente nos anos subsequentes. Essa identificação não é o que se espera encontrar em um evento científico, comumente mais *'cauteloso'* em assimilações desse tipo.

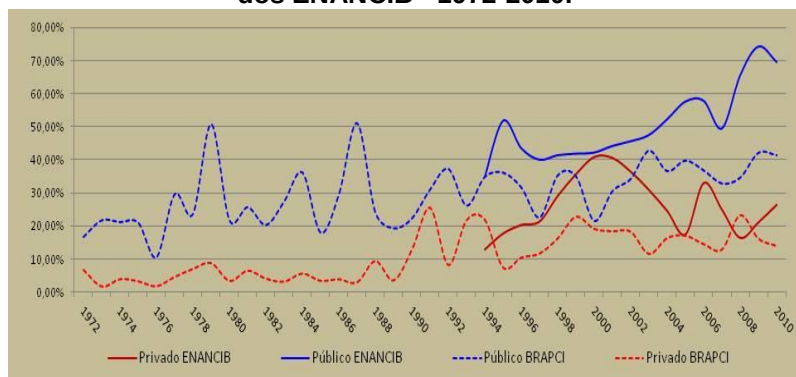
Ao tomar como referência as perspectivas histórico-sociológicas emergentes nota-se claramente o efeito de *'espelhamento'*, citado anteriormente, nos dois canais: quase ponto a ponto na categoria científica, exceção feita a seu crescimento desproporcional no ENANCIB a partir de 2003 e na BRAPCI a partir de 2008; no cultural, de forma mais acentuada na BRAPCI; e no político, onde constatamos uma maior constância no ENANCIB.

Essa constatação leva à possibilidade de uma possível tendência de equilíbrio entre o viés biblioteconômico e a CI nas fontes estudadas, com o

crescimento da *cultura* nos ENANCIB e da *ciência* na BRAPCI.

A inversão de tendências das perspectivas histórico-sociológicas ‘tradicionais’ e ‘emergentes’ demonstrada no Gráfico 7 parece levar à alteração de alguns trajetos de categorias analíticas e justifica a exposição de um recorte comparativo específico que consta da pesquisa de Freitas (2001): o trajeto histórico dos discursos do ‘público’ e do ‘privado’, além do interesse pessoal da autora sobre o viés público da área e políticas públicas afetas ao campo, apresentado no Gráfico 15.

Gráfico 15: Comparativo entre frequência relativa de trajetos históricos dos discursos do ‘público’ e do ‘privado’ levantados no campo ‘título’ nos artigos de periódicos científicos cobertos pela BRAPCI e nos trabalhos dos Anais dos ENANCIB - 1972-2010.



Fonte: Base BRAPCI e Anais dos ENANCIB.

Para compor a série ‘Público’ foram agregados todos os recortes políticos, culturais, *dependência tecnológica* e *desenvolvimentos*, adjetivados ou não. A série ‘Privado’ foi

composta pelos recortes econômico-gerenciais.

Apesar do predomínio do discurso público não se pode deixar de notar que no período entre 1999 e 2003, segundo governo FHC, o discurso privatizante tocou a linha do discurso público, porém a perspectiva pública se mantém dominante em patamares mais altos a partir daí, apesar da vertente privada estabilizar-se também em patamares superiores à sua média histórica.

Vale notar que a partir de 1994 a perspectiva do público decrescia nos artigos de periódicos enquanto nos trabalhos apresentados em eventos a tendência era de crescimento, mantendo-se sempre predominante, apesar do ponto de inflexão no Ano 2000.

O mais importante, no entanto, é observar o movimento oposto da relação público/privado nos dois canais e o ponto de inflexão no Ano de 2000, auge do discurso dos novos tempos, que confirma o caráter explicativo das perspectivas histórico-sociológicas com relação aos movimentos dos demais eixos.

A seguir apresento as considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dos canais de comunicação científica é a divulgação de informações, pesquisas e trabalhos produzidos pela área acadêmica e por pesquisadores. Apesar de compartilharem tais objetivos, como visto, cada canal apresenta uma dinâmica peculiar.

Ao analisar os dados da pesquisa percebo não ser possível explicar as diferenças entre as fontes estudadas baseada somente na teoria e conceitos genéricos da área sobre comunicação científica. O funcionamento dos canais nos quais estão inseridos os objetos do estudo — artigos de periódicos e trabalhos apresentados em evento — torna-se igualmente peça chave tendo em vista que esses canais também se submetem a critérios de avaliação externo e almejam o aprimoramento e reconhecimento como relevantes para a sua área de atuação. Tanto os artigos de periódicos quanto os trabalhos do ENANCIB são submetidos a avaliação cega pelos pares para qualificá-los para publicação ou apresentação no evento.

A comparação entre as frequências das categorias analíticas permite observar que os trabalhos dos ENANCIB apresentam uma aparente maior ‘cautela’ na adesão a modismos e/ou noções com fraca fundamentação teórica, em que o discurso da SI parece ter papel fundamental no enfraquecimento das temáticas culturais, científicas e políticas, exceção feita ao Ano 2000. Não foi detectada essa

mesma ‘cautela’ nos resultados do levantamento nos artigos de periódicos inseridos na Base PRAPCI, nos quais parece haver maior adesão a noções ligadas a modismos, assim como maior adesão às temáticas econômico-gerenciais, principalmente no período de 1997 a 2003.

A justificativa para uma aparente inversão da qualidade científica entre as duas fontes, que transparece na utilização ou não de terminologia e conceitos científicos e na adesão ou não a modismos pouco aprofundados pode estar na dupla orientação do campo — voltado “[...] à explicação e à intervenção nos processos humanos de conhecimento, memória, comunicação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000). O mesmo é apontado por Lund³⁶ (2009, p.425 *apud* FREITAS, 2009, p.145-146).

As comunidades da Biblioteconomia e da Ciência da Informação enfrentam uma tensão inerente entre um interesse pragmático em como lidar na prática com documentos (em um crescente número de formatos e uma diversidade de tecnologias em rápida transformação) e um interesse crítico geral em compreender o papel dos documentos na sociedade e na cultura em geral.

González De Gómez (2000) aprofunda a análise da permeabilidade temática do campo e seu caráter múltiplo afirmando que ele está sujeito a mudanças sociais, econômicas e tecnológicas, que compõem seu campo de

³⁶ LUND, N. W. Document theory. **Annual Review of Information Science and Technology**, Medford, v.43, p.399-432, 2009.

atuação – teórico/prático – tecendo uma configuração social que afeta sem dúvida, sua constituição e sua produção. Nele, “[...] se controlam, se reproduzem e se transformam as práticas, as atividades, as tecnologias, os recursos, as instituições e os atores que intervêm na geração, tratamento, transmissão e uso da informação” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000).

No campo da Ciência da Informação, a Biblioteconomia, a Arquivologia, a Museologia, mas também em outros campos, como os de pesquisa e desenvolvimento de tecnologias de informação, os empreendimentos de pesquisa operacional ou o atendimento de demandas imediatas da esfera das práticas organizacionais e sociais, tem competido na atribuição de espaço e de recursos com o desenvolvimento de programas de pesquisa científica, com dois efeitos negativos; por um lado, a dispersão de esforços em ações e investimentos que se esgotam na realização de um serviço ou de um produto, e não formam os “phylum” de conhecimentos que dariam maior cobertura a mais demandas e a mais longo prazo. Por outro, se enfraquecem as zonas intermediárias, de conversão e hibridação entre a teoria e a prática, empobrecendo o potencial heurístico do programa de pesquisa (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2000).

Em outras palavras, a dupla orientação e a tensão citada por González de Gómez e Lund referem-se à teoria, cujo papel é, essencialmente, aprofundar suas temáticas, e à prática, fundamental no fazer do campo, entretanto, mais

aplicada e operacional. Os periódicos do campo são aparentemente mais abertos à colaboração e produção do setor aplicado, com seus relatos de caso e experiências

Castro (2006, p.13) levanta a questão sobre as temáticas abordadas pelo campo, principalmente nos periódicos.

[...] se a centralidade das temáticas retrata a instabilidade teórica da Biblioteconomia e Ciência da Informação, ou ao contrário, o campo está movimentando-se positivamente na teoria e na prática as revistas publicam “assuntos da moda”, como foram reengenharia, qualidade total da informação, dentre outros?

Os autores que apresentam trabalhos nos ENANCIB são oriundos da Academia, condição não exigida de todos os autores de artigos de periódicos, muitos ligados a iniciativas operacionais de informação ou ao setor privado, com outras motivações técnicas, econômicas e políticas. Esse aspecto poderia explicar as diferentes ênfases e justificar uma menor ocorrência de aprofundamento teórico-conceitual nos artigos de periódicos.

A escolha do ENANCIB como canal a ser utilizado no estudo foi devida a sua representatividade, como o principal evento acadêmico do campo informacional brasileiro, pode ter ressaltado esta diferença. Dado seu caráter acadêmico, é importante ressaltar que em futuras pesquisas, utilizando como polo para a análise comparativa outro tipo de evento, como o CBBD, os resultados poderiam ser inteiramente

diferentes expondo mais o viés biblioteconômico dos trabalhos – mais prático e aplicado – e conferindo maior aproximação com os artigos de periódicos inseridos na Base BRAPCI.

REFERÊNCIAS

- ÁLVARES JUNIOR, L. S. **Infra-estrutura de informação:** classificações e padronizações como fatores de convergência em gestão de Ciência e Tecnologia. 2006. 146f. Dissertação (Mestrado) – Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- ALVES, L. Informação e os sistemas de comunicação científica na Ciência da Informação. **DataGramaZero**, Rio de Janeiro, v.12, n.3, jun. 2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/jun11/Art_04.htm>. Acesso em: 23 set. 2011.
- ANCIB - ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. Disponível em: <<http://www.ancib.org.br/pages/sobre.php>>. Acesso em: 1 out. 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, ago. 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024:** informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, maio 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027:** informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, maio 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:** informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, ago. 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724:** informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, mar. 2011.
- BARRETO, A. A. Olhar sobre os 20 anos da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB). **Pesquisa brasileira Ciência da Informação**. Brasília, v.2, n.1, p.3-28, jan./dez. 2009. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/13>>. Acesso em: 30 set. 2011.

BIRDSALL, W. F. Uma economia política da biblioteconomia? **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.10, n.1, p.86-93, jan./jun. 2005.

BUFREM, L. S. Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v.15, n.2, p.22-41, maio/ago. 2010. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/viewFile/1069/730>>. Acesso em: 4 out. 2011.

CAFÉ, L.; FACHIN, G. R. B. Provedores de dados, provedores de serviços e periódicos em Ciência da Informação, Biblioteconomia e áreas afins. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. esp., 1º sem. 2007. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/pbcib/index.php/pbcib/article/view/796>>. Acesso em: 10 out. 2011.

CAPES - Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Avaliação da Pós-Graduação**: documento de área: Comunicação/Ciência da Informação. 2001/2003. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/2003_031_Doc_Area.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2011.

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Documento de área 2009**. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/SOC_APLIC_07mai10.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2011.

CASTELLS, M. The Infomational Economy. In: TREND, D. (Org.) **Reading digital culture**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Disponível em: <http://members.fortunecity.com/cibercultura/vol14/vol14_manuelcastells.htm>. Acesso em: 15 nov. 2011.

CASTRO, C. A. O periódico no campo da biblioteconomia no Brasil: possibilidades para um fazer historiográfico. **Transinformação**, Campinas, v.18, n.1, p.09-15, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewissue.php?id=12>>. Acesso em 02 jan. 2012.

ENANCIB, IV: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 2000. Brasília. **Anais eletrônicos...** Brasília, 2000.

ENANCIB, X: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. 2009. Disponível em:

<<http://dci.ccsa.ufpb.br/xenancib/?pagina=sobre>>. Acesso em: 20 out. 2011.

FREIRE, I. M. Um olhar sobre a produção científica brasileira na temática epistemologia da Ciência da Informação. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v.1, n.1, 2008. Disponível em: <<http://inseer.ibict.br/ancib/index.php/tpbci/article/viewArticle/9>>. Acesso em: 10 out. 2011.

FREITAS, L. S. **Na teia dos sentidos**: análise do discurso da Ciência da Informação sobre a atual condição da informação. 2001. 245 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências da Comunicação, Departamento de Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.uff.br/ppgci/editais/teselidiafreitas.pdf>>. Acesso em: 04 out. 2011.

_____. A memória polêmica da noção de sociedade da informação e sua relação com a área de informação. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.12, n.2, p.23, 2002. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/147/141>>. Acesso em: 6 abr. 2011.

_____. O inter-dito fundador do campo informacional: efeito-documento e efeitoinformação na construção discursiva do fato (e do sujeito). In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 10., 2009, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: ANCIB, 2009. p.184-202.

_____. **Questões em rede**: emergências temático-discursivas do campo informacional brasileiro e internacional: 1999-2009. Projeto de Pesquisa PIBIC UFF-PROPP – 2010-2011.

_____. **Questões em Rede**: emergências temático-discursivas do campo informacional brasileiro e internacional: 1999-2010. Projeto de Pesquisa PIBIC UFF-PROPP – 2011-2012.

_____. O dispositivo de arquivo: a construção histórico-discursiva do documento e do fato. In: FREITAS, L. S.; MARCONDES, C. H.; RODRIGUES, A. C. (Orgs.). **Documento**: gênese e contextos de uso. Niterói: EdUFF, 2010. 268p. (Estudos da Informação, v.1).

FROHMANN, B. Taking policy beyond information science: applying the actor network theory for connectedness: information, systems, people, organizations. In: ANNUAL CONFERENCE

CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE, 23, 1995, Edmond, Alberta. Disponível em: <<http://www.ualberta.ca/dept/slisl/cais/frohmann.htm>>. Acesso em: 19 nov. 2011.

GARCIA, J. C. R. *et al.* Atuais desafios e perspectivas da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib). **Ciência da Informação**, Brasília, v.39, n.1, abr. 2010. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652010000100009>>. Acesso em: 2 out. 2011.

GOMES, M. Y. F. S. de F. Ciência da Informação: desafios atuais para a consolidação do campo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: ANCIB, 2008.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia da pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, v.1, n.6, dez. 2000. Disponível em: <http://dgz.org.br/dez00/F_I_art.htm>. Acesso em: 10 nov. 2011.

IBICT - INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas**. Disponível em: <<http://www.ibict.br/secao.php?=seer>>. Acesso em: 10 nov. 2011.

JARDIM, J. M. **Arquivos, transparência do Estado e capacidade governativa na sociedade da informação**. 2001. Disponível em: <https://bvc.cgu.gov.br/bitstream/123456789/3350/1/Arquivos_transparencia_do_estado_capacidade.pdf>. Acesso em: 6 fev. 2012.

MATTELART, A. Uma questão da nova ordem internacional. **Le Monde Diplomatique**, 1 ago. 2003. Disponível em: <<http://diplomatie.uol.com.br/acervo.php?id=931&PHPSESSID=2992afb2cd65c8594faad2ff286459fc>>. Acesso em 19 nov. 2011.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

MIRANDA, D. B.; PEREIRA, M. N. F. O periódico científico como veículo de comunicação: uma revisão de literatura. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.3, p.375-382, set./dez. 1996. Disponível em: <[http://dici.ibict.br/archive/00000174/01/Ci\[1\].Inf-2004-503.pdf](http://dici.ibict.br/archive/00000174/01/Ci[1].Inf-2004-503.pdf)>. Acesso em: 4 out. 2011.

MUELLER, S. P. M. O círculo vicioso que prende os periódicos nacionais. **DataGramaZero**: Revista de Ciência da Informação, Rio de Janeiro, n.0, dez. 1999. Disponível em: <http://www.unirio.br/museologia/textos/O_circulo_vicioso_periodico_nacional.pdf>. Acesso em: 10 out. 2011.

_____. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, B. S.; CENDÓN, B. V.; KREMER, J.M. (Orgs.). **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000. p.21-33.

MUELLER, S. P. M.; CARIBÉ, R. C. V. Comunicação científica para o público leigo: breve histórico. **Informação & Informação**, Londrina, v.15, n. esp., p.13-30, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/6160/6780>>. Acesso em: 4 out. 2011.

ODDONE, N. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.1, abr. 2006. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652006000100005>>. Acesso em: 3 out. 2011.

OHIRA, M. L. B.; SOMBRIO, M. L. L. N.; PRADO, N. S. Periódicos brasileiros especializados em Biblioteconomia e Ciência da Informação: evolução. **Encontros Bibli**: Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, v.5, n.10, p.26-40, out. 2000. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/16/5095>>. Acesso em: 2 jan. 2012.

RODRIGUES, E. A.; FREITAS, L. S. **Questões em rede**: emergências temático-discursivas do campo informacional brasileiro e internacional - 1968-2008. Niterói: Universidade Federal Fluminense - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Relatório Final, 2010.

ROSA, B. J. **Metamorfoses biblioteconômicas**: da cultura ao econômico-gerencial - a produção dos periódicos científicos brasileiros do campo informacional (1972-2009). 2010. 78f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel) - Curso de Biblioteconomia e Documentação, Departamento de Ciência da Informação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

SALEK, L. M. C. B.; FREITAS, L. S. **Questões em rede**: emergências temático-discursivas do campo informacional brasileiro e internacional – 1968-2010. Niterói: Universidade

Federal Fluminense - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC. Relatório Final, 2011.

SOUZA, F. C. **O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro**: século XX. Florianópolis: Ed. UFSC, 2009.

STUMPF, I. R. C. Passado e futuro das revistas científicas. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.3, 1996. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/463>>. Acesso em: 28 set. 2011.

TARGINO, M. G. Comunicação científica: uma revisão de seus elementos básicos. **Informação & Sociedade**: Estudos, João Pessoa, v.10, n.2, 2000. Disponível em: <www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=13710>. Acesso em: 3 out. 2011.

TEIXEIRA, C. M. S.; SCHIEL, U. A internet e seu impacto nos processos de recuperação da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.26, n.1, jan. 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651997000100007>>. Acesso em: 4 out. 2011.

VALÉRIO, P. M.; PINHEIRO, L. V. R. Da comunicação científica à divulgação. **Transinformação**, Campinas, v.20, n.2, p.159-169, maio/ago., 2008. Disponível em: <<http://revistas.puc-campinas.edu.br/transinfo/viewarticle.php?id=302>>. Acesso em: 28 set. 2011.

WEBSTER, F. Information society. In: FEATHER, J.; STURGES, R. P. (Eds.) **International Encyclopedia of Information and Library Science**. New York: Routledge, 2003. v.2; p.1338-1357.

WERTHEIN, J. A sociedade da informação e seus desafios. **Ciência da Informação**, Brasília, v.29, n.2, p.71-77, maio/ago. 2000. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/cienciadainformacao/index.php/ciinf/article/view/254/1705>>. Acesso em: 4 out. 2011.

XAVIER, R. C. M.; COSTA, R. O. A cadeia produtiva do conhecimento científico: implicações econômica, sociológicas e técnicas. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.5, n.2, p.247-265, set. 2009. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/viewFile/296/211>>. Acesso em: 4 out. 2011.

APÊNDICE A

Resumo dos critérios de avaliação de periódicos - QUALIS-PERÍODICOS³⁷

No Estrato C são incluídas publicações consideradas como ‘periódicos impróprios’, e não científicos, que não recebem pontuação. (CAPES, 2011)

No Estrato B5 são incluídos todos os periódicos que atendam a seus critérios, sem cumprir quaisquer das exigências adicionais descritas nos estratos subsequentes. Os critérios mínimos para uma publicação ser avaliada como periódico científico são:

- Editor responsável;
- Comissão Editorial que auxilie o Editor na tomada de decisões;
- Conselho Consultivo formado por pesquisadores de diferentes instituições;
- Registro de ISSN;
- Linha editorial definida (expediente: missão, foco temático, periodicidade e forma de avaliação/revisão);
- Normas de submissão claras;
- Periodicidade regular definida;
- Avaliação dos originais realizada por membros do Conselho Consultivo ou pareceristas *ad hoc*;

³⁷ Disponível em:
<http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/SOC_APL_IC_07mai10.pdf>.

- Publicar contribuições na forma de artigos assinados;
- Indicar a titulação e afiliação institucional dos autores;
- Indicar a titulação e afiliação institucional dos membros do Conselho Consultivo ou dos pareceristas *ad hoc*;
- Tratando-se de revista nacional, título, resumo e palavras-chave no mínimo em dois idiomas, sendo um deles o português;
- Data de recebimento e aceitação de cada artigo.

Para ser incluído no Estrato B4 é preciso atender aos critérios mínimos e

- Publicar pelo menos 20% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos 3 instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume;
- Publicar pelo menos 20% de autores doutores;
- Manutenção da periodicidade.

Os critérios para o Estrato B3 são:

- Ser publicado por instituição com Pós-Graduação *strictu sensu*, ou Sociedade Científica de âmbito nacional reconhecida pela Coordenação de Área, ou por Instituição Profissional de âmbito nacional,

- ou Instituição de Pesquisa, ou ser publicada com apoio da CAPES, CNPq ou financiamento estatal;
- Publicar pelo menos 30% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos três instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume;
 - Publicar pelo menos 40% de autores doutores.
 - Manutenção da periodicidade.

Para o Estrato B2 são necessários:

- Ser publicado por instituição com Pós-Graduação *strictu sensu*, ou Sociedade Científica de âmbito nacional reconhecida pela Coordenação de Área, ou por Instituição Profissional de âmbito nacional, ou Instituição de Pesquisa, ou ser publicada com apoio da CAPES, CNPq ou financiamento estatal;
- Publicar pelo menos 50% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos três instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume;
- Presença em duas das seguintes bases de dados ou indexadores do tipo: LATINDEX (Sistema Regional de Información em Línea para Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España e Portugal); REDALYC (Red de Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal); Directory of Open Access Journals (DOAJ);

CLACSO; CLASE- Citas Latinoamericanas Em Ciencias Sociales Y Humanidades e no caso específico da Ciência da Informação e Museologia - Paschal Thema: Science de L'Information, Documentation; INFOBILA (Base de Dados de Información y Bibliotecologia Latinoamericana); Library Literature & Information Science Abstracts (LISA); SCOPUS, ISI (Web of Science); ou similar;

- Publicar pelo menos 60% de autores doutores;
- Manutenção da periodicidade.

Será classificado como Estrato B1 o periódico que

- For publicado por instituição com Pós-Graduação *strictu sensu*, ou Sociedade Científica de âmbito nacional reconhecida pela Coordenação de Área, ou por Instituição Profissional de âmbito nacional, ou Instituição de Pesquisa, ou ser publicada com apoio da CAPES, CNPq ou financiamento estatal;
- Manter a periodicidade;
- Tiver presença em três das seguintes bases de dados ou indexadores do tipo: LATINDEX (Sistema Regional de Información em Línea para Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España e Portugal); REDALYC (Red de Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal); Directory of Open Access Journals (DOAJ) e no caso específico da Ciência da

Informação e Museologia - Paschal Thema: Science de L'Information, Documentation; INFOBILA (Base de Datos de Información y Bibliotecologia Latinoamericana); Library Literature & Information Science Abstracts (LISA); SCOPUS, ISI (Web of Science); Scielo ou similar;

- Publicar pelo menos 60% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos quatro instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume;
- Publicar pelo menos 10% de artigos, por volume, com autores ou co-autores filiados a instituições estrangeiras;
- Publicar pelo menos 70% de autores doutores.

Para o Estrato A2 é preciso

- Ser publicado por instituição com Pós-Graduação *strictu sensu*, ou Sociedade Científica de âmbito nacional reconhecida pela Coordenação de Área, ou por Instituição Profissional de âmbito nacional, ou Instituição de Pesquisa, ou ser publicada com apoio da CAPES, CNPq ou financiamento estatal;
- Manutenção da periodicidade;
- Presença em quatro das seguintes bases de dados ou indexadores do tipo: LATINDEX (Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, El Caribe,

España e Portugal); REDALYC (Red de Revistas Científicas de América Latina, El Caribe, España y Portugal); Directory of Open Access Journals (DOAJ); e no caso específico da Ciência da Informação e Museologia - Paschal Thema: Science de L'Information, Documentation; INFOBILA (Base de Datos de Información y Bibliotecologia Latinoamericana); Library Literature & Information Science Abstracts (LISA); SCOPUS, ISI (Web of Science); Scielo ou similar;

- Publicar pelo menos 70% de artigos cujos autores sejam vinculados a pelo menos quatro instituições diferentes daquela que edita o periódico, por volume;
- Publicar pelo menos 20% de artigos, por volume, com autores ou co-autores filiados a instituições estrangeiras;
- Publicar pelo menos 80% de autores doutores.

O Estrato A1 corresponde à melhor classificação do Qualis. Os periódicos que constam desse Estrato apresentam

- Destacada qualidade, devidamente demonstrada em relatório pelos avaliadores e necessariamente superiores a todas as exigências estabelecidas para os demais Estratos;

- Títulos do JCR³⁸ de 2008.

³⁸ O Journal Citation Reports (JCR) é um recurso que permite avaliar e comparar publicações científicas utilizando dados de citações extraídos de revistas acadêmicas e técnicas e o impacto destas na comunidade científica. O JCR permite verificar os periódicos mais citados em uma determinada área e a relevância da publicação para a comunidade científica por meio do Fator de Impacto. O JCR avalia revistas de 3.300 editores, aproximadamente 200 disciplinas, e 60 países e permite acesso à estatística de citações desde 1997 até o presente. Disponível em: http://www.periodicos.capes.gov.br/?option=com_pcollection&mn=70&smn=79&cid=94>.

ANEXO A
Cronologia dos Congressos Brasileiros de Biblioteconomia e Documentação e Ciência da Informação³⁹

1º	- Situação atual do leitor brasileiro e Ensino Profissional - Processos Técnicos - Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Infantis e de Escolas Primárias - Bibliotecas Especializadas - Bibliografias, Associações - Bibliotecárias e Legislação profissional	Recife - PE	1954
2º	- Relações entre Editores, Livreiros e Bibliotecários - Edifícios de Bibliotecas, Cooperação entre Bibliotecários e Arquitetos	Salvador - BA	1959
3º	- Processos Técnicos - Ensino de Biblioteconomia e Documentação - Profissão de Bibliotecário-Documentalista - Bibliografia e Documentação: Bibliotecas Especializadas - Relações Públicas e Intercâmbio - Tipos de Bibliotecas - Movimento Associativo de Classe	Curitiba - PR	1961
4º	- A Educação através da Biblioteca	Fortaleza - CE	1963
5º	- A Biblioteca como Fator de Progresso	São Paulo - SP	1967
6º	- Atividades Profissionais - Planejamento e Instalação	Belo Horizonte - MG	1971
7º	- Sistema Nacional de Informações Científicas e Tecnológicas	Belém - PA	1973
8º	- Responsabilidade Social das Bibliotecas no plano setorial da educação	Brasília - DF	1975
9º	- Integração do Sistema de Informação no Desenvolvimento Nacional - Educação Bibliotecária - Movimento Associativo	Porto Alegre - RS	1977
10º	- Biblioteconomia Brasileira: avaliação crítica e perspectivas	Curitiba - PR	1979
11º	- Biblioteca e Educação Permanente	João Pessoa- PE	1982

³⁹ Não foi possível verificar, por falta de informação no sítio da FEBAB, se os dados se referem a temas, grupos dos encontros ou ambos.

12º	- Informação e Desenvolvimento Nacional - Cultura, Comunicação, Ciência e Tecnologia - O Homem, o Desenvolvimento	Camboriú - SC	1983
13º	- Informação no séc. XXI: lacunas presentes e perspectivas - Informação em uma Sociedade Democrática - Influência da problemática econômica no hábito de leitura do indivíduo - A Questão Profissional: a Biblioteconomia e a interface com outras Profissões	Vitória - ES	1985
14º	- Biblioteca e Democratização da Informação	Recife- PE	1987
15º	- Gerenciamento da Informação	Rio de Janeiro - RJ	1989
16º	- Biblioteca e Desenvolvimento Econômico e Social	Salvador - BA	1991
17º	- Transferência de Informações no Limiar do Ano 2000	Belo Horizonte - MG	1994
18º	- Os Cenários da Biblioteconomia em Face da Globalização da Informação	São Luís - MA	1997
19º	- Informação para a Cidadania e o Profissional da Informação do Novo Milênio	Porto Alegre - RS	2000
20º	- Dimensão Humana, Política e Econômica da Informação	Fortaleza - CE	2002
21º	- Livro, Leitura e Bibliotecas: exercício da cidadania	Curitiba - PR	2005
22º	- Igualdade e Diversidade no Acesso à Informação: da Biblioteca Tradicional à Biblioteca Digital	Brasília, DF	2007
23º	- Redes de Conhecimento, Acesso à Informação e Gestão Sustentável	Bonito, MS	2009
24º	- Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social	Maceió, AL	2011

Fonte: FEBAB⁴⁰.

⁴⁰ Disponível em: <http://www.febab.org.br/eventos_febab.htm>.

